Setembro
2014

87

fato e razão

Movimento Familiar Cristão
www.mfc.org.br

Conselho Diretor Nacional
Francisca e José Hildo Pereira de Oliveira
Maria Inês e Gerson Pereira Pepe
Marisa e José Galdino Ulysses
Raimunda e Francisco de Assis Rocha Albuquerque
Sônia e Adalberto Rezende de Jesus

Editoria e Redação
Hélio Amorim
Arlete e João Borges
Itamar David Bonfatti
Jesuliana do Nascimento Ulysses
Maria do Carmo Freitas Schmitz
Marly e José Maurício Guedes
Rita e Luiz Carlos Torres Martins
Terezinha e Oscavo Homem de C.Campos
Francione e Ricardo R. Werneck
Rua Barão de Santa Helena, 68
36010-520 Juiz de Fora-MG

Distribuidora Fato e Razão
Atendimento Assinaturas
Livraria do MFC
Pedidos de Publicações MFC
Rua Barão de Santa Helena, 68
36010-520 Juiz de Fora-MG
Telefone: (32)3214-2952 de 13:00 às 17:00h
E-mail: livraria.mfc@gmail.com

CTP Pré-Flight e Impressão
DI Gráfica
Av. Rui Barbosa 440 galpão 7
36045-410 Juiz de Fora-MG
Tel.: (32)4009-1300
orcamento@digrafica.com.br

Arte e diagramação
Anderson Nogueira - amarartesvisuais@gmail.com

Circulação restrita sem fins comerciais

Sumário

A família cristã no mundo moderno — 4
Helio Amorim
D. Tomás Balduíno — 7
Duas forças em tensão: a autoafirmação e a integração — 8
Leonardo Boff
A dimensão humana da sexualidade — 11
Deonira L. Viganó La Rosa
"A transmissão e a educação da fé cristã na família" — 14
Capitalismo e Etica — 16
A força interior — 18
Presença — 19
Contra o Facebook — 20
Maríon Sfrecker
"Com Francisco, o papa filósofo, o cristianismo volta à sua pureza'' — 22
Democratizar a democracia — 24
Marcelo Barros
Formação e Manipulação de Expectativas Econômicas e Políticas na atualidade — 27
Guilherme C. Delgado
Intimidade em Construção — 29
Rosely Sayão
Jesus: presença que descansa e pacifica — 31
José Oscar Beozzo
João XXIII e a Igreja do Brasil — 35
Limites e potencialidades — 38
Pe. Alfredo J. Gonçalves
Por que celebramos ? — 40
Programa "Mais Médicos": o olhar positivo dos pacientes atendidos — 42
Pe. Virgílio Uchôa
Quem tem medo da participação popular? — 45
Religiosidade e homossexualidade: como conciliar? — 47
Todo filho é pai da morte de seu pai — 51
Viver em Família — 53
O que a grande imprensa esconde — 55
A responsabilidade de Israel — 59
*OdedGrajew**

A família cristã no mundo moderno

Helio Amorim *

Os ensinamentos da Igreja sobre a família já não são acolhidos passivamente pelos católicos como antes. Já não se submetem a doutrinas fechadas e impositivas sob a ameaça de castigos eternos. A prática decorrente de seus ensinamen-tos passa por avaliações críticas dos católicos cada vez mais capazes de ajudar na busca sempre dinâmica da verdade nos procedimentos humanos individuais e sociais, iluminados pela fé. A Igreja estendeu por tempo demasiado a sua centralidade pastoral familiar, por exemplo, na questão do divórcio e novo casamento, da paternidade responsável e rejeição do planejamento familiar por meios considerados artificiais, estes como afastamento da lei natural querida por Deus. Essa posição repressora causou um mal desnecessário para a acolhida a este e outros ensinamentos da Igreja.

As diferenças culturais entre as gerações no mundo moderno tornam extremamente difícil a transmissão de conceitos sobre casamento e família na visão integral dos cristãos adultos na fé. O desafio de hoje é a criação e manutenção de um modelo de relacionamento amoroso e respeitoso com os filhos, sem imposições autoritárias, mas de transmissão de valores humanos e cristãos. Os pais devem ser capazes de acolher as diferenças e entender o ritmo normal de maturação do adolescente e do jovem, sem criar barreiras para chegar à etapa de relações adultas entre pais e filhos. O êxito dessa transmissão estará sempre ancorada no exemplo e coerência de vida dos pais, mais efetiva do que simples discursos.

A postura repressora do passado sobre teólogos e leigos que contestam questões mal resolvidas

na vida da Igreja vai sendo revisada e removida. O celibato forçado dos sacerdotes, por exemplo, é um anacronismo prejudicial na vida da Igreja. Também as citadas posições sobre a vida conjugal e familiar caminham para soluções mais convergentes com a ciência e a caridade.

Um extenso questionário do Vaticano em preparação ao Sínodo sobre a Família, convocado para este ano, circula mundo afora para conhecer a posição de leigos sobre as normas atuais frente ao mundo moderno: novos tipos de relações matrimoniais chamadas irregulares, ou homossexuais, os recasados, a formação dos filhos nessas situações e outras questões ainda não estudadas em profundidade.

Os divorciados recasados constituem uma realidade pastoral relevante ainda mal resolvida. O conceito vigente pode ser assim resumido: o casamento é um sacramento divino por ser a união de um homem e uma mulher que assumem sua relação de amor tomando como modelo a relação amorosa de Deus com o seu Povo, amor fiel, gratuito, responsável, construtivo, comprometido com o bem do outro. A ruptura desse vínculo referido ao amor de Deus pode decorrer de uma deterioração irreversível desse amor humano e passar ao desamor ou a uma relação doentia de ódio e desprezo mútuo, deixando de ser, portanto, um sacramento, sinal do amor de Deus, porque se transformou no seu oposto. Não subsiste esse matrimônio como sacramento, como sinal do amor de Deus por seu povo.

Uma segunda união pode vir a existir e consolidar-se com base numa nova e talvez mais madura relação de amor, mais verdadeira e adulta, referida efetivamente à relação com Deus, portanto, sacramento. Assim deve ser acolhido pela Igreja, como acolhido será pela família e seus amigos. Perde qualquer sentido a proibição de comungar, o que se configura como violência espiritual contra o novo casamento, como se fora o único pecado sem perdão. O sacramento existiu antes, mas deixou de existir por falta do seu conteúdo essencial: o amor humano que toma o amor de Deus como modelo.

As mudanças, essas e muitas outras, são hoje urgentes. Assim permaneceremos abertos ao muito que seguirá mudando nos próximos anos e décadas, permitindo-nos relativizar as "certezas" que se impunham. É claro que, como antes aqui afirmado,

tudo o que se refere ao amor e à justiça, à humanização e à esperança cristã, à caridade e à solidariedade humana, permanecerá como essência da mensagem evangélica. O resto é dinâmico e evolutivo, criações humanas sob influxo da cultura, entendimentos provisórios, sujeitos a revisões em vista do avanço das ciências e da reflexão teológica que nenhum autoritarismo impedirá. Para isto, Deus nos presenteou com o papa Francisco.

Parábola do velho carpinteiro

Um velho carpinteiro estava pronto para aposentar-se. Certo dia, ele informou ao chefe sobre o desejo de sair da indústria de construção e passar mais tempo com sua família. Disse ainda que sentiria falta do salário, mas realmente queria aposentar-se.

A empresa não seria muito afetada pela saída do carpinteiro, mas o seu chefe estava triste em vê-lo partindo e pediu-lhe para trabalhar em mais um projeto, como um favor.

O carpinteiro concordou, mas era fácil ver que não estava muito entusiasmado com a ideia.

Vibrando nessa energia, ele prosseguiu fazendo um trabalho de segunda qualidade e usando materiais inadequados. Era uma atitude negativa para terminar sua carreira.

Quando o carpinteiro acabou, o chefe veio fazer a inpeção da casa. Depois, sem comentários, ele deu a chave da casa para o carpinteiro dizendo: "Esta é sua casa. Ela é o meu presente para você."

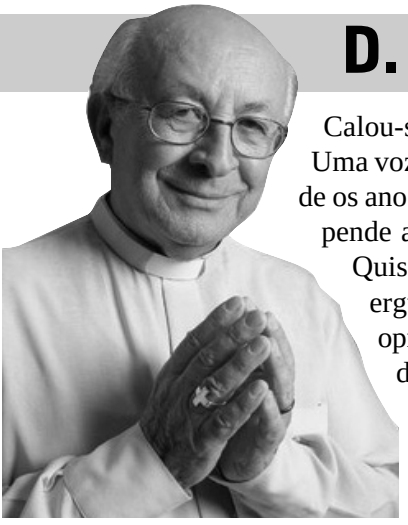
O carpinteiro ficou muito surpreso. "Que pena". Se ele soubesse que estava construindo sua própria casa teria feito tudo diferente.

PARA REFLEXÃO:

Nossas atitudes e escolhas de hoje estão construindo a "casa" em que vamos morar amanhã. Optemos por construí-la com sabedoria!

Adaptada por Conceição Trucom (Profª. da UFRJ, especilista em Alimentação Natural, Meditação e Terapia do Riso)

D. Tomás Balduíno



Calou-se a voz de Tomás Balduino.
Uma voz que nunca quis ser sozinha, sabia, desde os anos de chumbo: uma voz solitária não suspende a manhã.
Quis ser uma voz entre vozes,
ergueu sua voz dentro do vasto coro dos oprimidos: os índios, os posseiros, os lavradores, os retirantes da seca e da cerca e os que se levantam contra elas, as mulheres, os negros, os migrantes, os peregrinos para forçar claridades, para ensinar amanhecer.

Tomás é palavra.
A palavra que banha como bálsamo.
A palavra que fustiga.
Incendeia.
A palavra que perdoa
mas aponta — sempre — o caminho da Justiça.
E o que somos na vida?
Somos os ossos das palavras que povoam
o caminho de pedra ou flores
que sangram os pés dos nossos filhos.
Tomás é sertão.
O sertão e suas armadilhas.
O sertão e suas infinitas contradições.
Tomás é sertão
onde se dobram os ventos de Goiás e Minas,
onde nascem águas nessa infinita geografia
que alimenta nossas esperanças.

Calou-se a voz de Tomás Balduíno.
Permanecerá sua palavra.
Tomás é sertão:
gesto de fé nessa gente que não se dobra.

Pedro Tierra

Transcrito do Boletim Rede

DUAS FORÇAS EM TENSÃO: A AUTOAFIRMAÇÃO E A INTEGRAÇÃO

*Leonardo Boff**

ADITAL

Biologicamente nós humanos, somos seres carentes. Não somos dotados de nenhum órgão especializado que nos garanta a sobrevivência ou nos defenda de riscos, como ocorre com os animais. Alguns biólogos chegam a dizer que somos "um animal doente", um "faux pas", (um passo em falso), uma "passagem" par outra coisa, por isso nunca fixado, inteiros; mas, incompletos.

> *Tal verificação nos obriga a continuamente garantir a nossa vida, mediante o trabalho e a inteligente intervenção na natureza. Deste esforço, nasce a cultura que organiza de forma mais estável as condições infraestruturais e também humano-espirituais para vivermos humanamente em sociedade.*

Acresce ainda outro dado, presente também em todos os seres do universo; mas, que no nível humano, ganha especial relevância. Vigoram duas forças: a primeira é autoafirmação, a segunda, a integração. Elas atuam sempre em conjunto num equilíbrio difícil e sempre dinâmico.

Pela força da autoafirmação cada ser se centra em si mesmo e seu instinto é conservar-se, defendendo-se contra todo tipo de ameaça contra sua integridade e a sua vida. Ninguém aceita morrer. Quer viver, evoluir e se expandir. Essa força explica a persistência e a subsistência do indivíduo.

Precisamos neste ponto superar totalmente o darwinismo social segundo o qual somente os mais fortes e adaptáveis triunfam e permanecem. Essa é uma meia verdade que está na contramão

do processo evolucionário. Este não privilegia os mais fortes e adaptáveis. Se assim fora, os dinossauros estariam ainda entre nós. O sentido da evolução é permitir que todos os seres, também os mais vulneráveis, expressem virtualidades latentes dentro da evolução. Esse é o valor da interdependência de todo; com todos e da solidariedade cósmica. Todos, fracos e fortes, se entreajudam para coexistir e coevoluir.

Pela segunda força, a da integração, o indivíduo se descobre envolto numa rede de relações, sem as quais, sozinho como indivíduo, não viveria nem sobreviveria. Existe o indivíduo; mas, ele vem de uma família, se insere num grupo de trabalho, mora numa cidade e habita um país com um tipo de organização social. Ele está ligado a toda esta cadeia de relações. Assim todos os seres são interconectados e vivem uns pelos outros, com os outros e para os outros. O indivíduo se integra, pois, por natureza, nurm todo maior. Mesmo que o indivíduo morra, o todo garante que a espécie continue permitindo que outros representantes venham a nos suceder.

Sabedoria humana é reconhecer o fato de que chega certo momento na vida no qual A pessoa deve se despedir para deixar o lugar, até fisicamente, a outros que virão.

O universo, os reinos, os gêneros e as espécies e também os indivíduos humanos se equilibram entre estas duas forças: a da autoafirmação do indivíduo e a da integração num todo maior. Mas esse processo não é linear e sereno. Ele é tenso e dinâmico. O equilíbrio das forças nunca é um dado, mas um feito a ser alcançado a todo o momento.

É aqui que entra o cuidado responsável. Se não cuidarmos, ou pode prevalecer a autoafirmação do indivíduo à custa de uma insuficiente integração e então predomina a violência e a autoimposição ou, ao contrário, pode triunfar a integração a preço do enfraquecimento e até anulação do indivíduo e então ganha a partida o coletivismo e o achatamento das individualidades. O cuidado aqui se traduz na justa medida e na autocontenção para não privilegiar nenhuma destas forças.

Efetivamente, na história social humana, surgiram sistemas que ora privilegiam o eu, o indivíduo, seu desempenho, sua capacidade de competição e a propriedade privada como é o caso da ordem capitalista ou ora prevalece o nós, o coletivo, a cooperação e a propriedade social como é o caso do

socialismo real que foi ensaiado na União Soviética e ainda persiste, em parte, na China.

A exacerbação de uma destas forças em detrimento da outra, leva a desequilíbrios, conflitos, guerras e tragédias sociais e ambientais. Com referência ao meio ambiente tanto o capitalismo quanto o socialismo foram depredadores e pioraram as condições de vida da maioria das populações.

Em ambos os sistemas o cuidado responsável desapareceu para dar lugar à vontade de poder, ao enfrentamento entre ambos e até a brutalidade nas relações mundiais visando a corrida armamentista e a dominação do curso do mundo.

Qual é o desafio que se dirige ao ser humano? É o cuidado responsável de buscar o equilíbrio construído conscientemente e fazer desta busca um propósito, uma atitude de base e até um projeto político. Portador de consciência e de liberdade, o ser humano possui esta missão que o distingue dos demais seres. Só ele pode ser um ser ético, um ser que cuida de si e que se responsabiliza pela comunidade de vida. Ele pode ser hostil à vida, colocar-se, como indivíduo dominador, sobre as coisas. Mas pode ser também o anjo bom que se sente integrado na comunidade de vida, junto com as coisas. Depende de seu empenho manter o equilíbrio entre a autoafirmação e a integração num todo e não permitir que forças dilaceradoras dirijam a história.

Por ser ético, coloca-se ao lado daqueles que tem dificuldades em se autoafirmar e assim sobreviver e impedir uma integração que destrói as individualidades em nome de um coletivo amorfo. Eis uma síntese sempre a ser construída.

Leonardo Boff é Teólogo e escritor

"A diferença entre a galinha e o político é que o político cacareja e não bota o ovo."

"Além de ir pro inferno só tenho medo de uma coisa: juros."

Millor Fernandes

A dimensão humana da sexualidade

Deonira L. Viganó La Rosa

O tema "Sexualidade" é delicado: para uns, fala-se demais sobre ele, para outros, não o bastante.

A persistente dificuldade em entender e verbalizar a sexualidade pode esconder uma confusão de conceitos e uma lista de mitos e tabus em relação ao assunto. A família, a escola, a religião e a cultura interferiram para que o conceito de sexualidade fosse deturpado e muitas vezes reduzido à genitalidade, ou a alguma coisa imoral e obscena. Entretanto, sexualidade e genitalidade não são sinônimos. E conversar sobre sexualidade não significa ter de detalhar a relação sexual genital.

A *genitalidade* refere-se à base biológica e reprodutora do sexo e ao exercício dos órgãos adequados para essa finalidade. O prazer que se obtém no encontro carnal de dois corpos será sempre uma forma concreta de viver a sexualidade, mas não a única.

Já a *sexualidade* é mais que um comportamento, é mais que uma pulsão, ela é um modo de pensar. Falar sobre a "dimensão humana da sexualidade" é discorrer sobre a capacidade que o ser humano tem de pensar e dar sentido à sua própria sexualidade.

A pulsão, no ser humano, não escapa ao universo do sentido conscientemente vivido por cada um. É evidente que a sexualidade se enraíza no corpo, entretanto, se o ser humano fosse apenas máquina biológica, a compreensão da sexualidade obter-se-ia pela análise biológica do seu funcionamento. Mas o ser humano é mais que genética, ele integra valores, cultura, consciência. E o que é específico do ser humano é a possibilidade que ele tem de compreender-se a si próprio e refletir sobre o sentido e o valor da sua ação. O uso reflexivo da inteligência o faz humano.

O desafio está em encontrar um equilíbrio entre a força pulsional e o sentido consciente e interpessoal da sexualidade.

EROTISMO

Tratar de sexualidade sem mencionar *erotismo* seria um empobrecimento. O erotismo é seguramente a dimensão humana da sexualidade.

Hoje há entre os estudiosos do assunto uma compreensão mais positiva do erotismo. O campo do "erótico" se despe do obsceno e do pornográfico, e aparece como a carga de atração afetiva que surge da "linguagem" dos corpos. Há "eros"em um caminhar de mãos dadas, em um jantar a velas, no roçar dos pés entrelaçados debaixo dos lençóis...

O erotismo eleva a pulsão ao nível de valor moral pois cultiva o dom de si para permitir o desejo e o prazer do parceiro. Ele oferece à sexualidade sua dimensão subjetiva e relacional. Ele é feito de atenção, de escuta e de ternura... O erotismo possibilita ao sujeito expressar sua subjetividade. E só o ser humano é capaz disto.

PULSÃO SEXUAL E MATURIDADE PSICOLÓGICA

É do conhecimento de todos que a força da pulsão sexual não se deixa tão facilmente apaziguar, sobretudo nos jovens. Na adolescência os hormônios borbulham. Uma espécie de luta instaura-se entre a sexualidade humanizada e socialmente aceita e o vigor da força pulsional, a qual resiste à tranquilidade da reflexão e à norma social. Além disso, é preciso que se tenha sempre em mente que *na espécie humana,* a *sexualidade genital precede a maturidade psicológica*.

A maturidade da relação afetiva surge com a capacidade de entrar numa relação que respeite o parceiro sexual como pessoa. Para tanto, o outro não pode limitar-se a ser o objeto da "minha" pulsão, sob pena de ele tornar-se um meio com o fim de me satisfazer.

A união sexual descortina então o seu primeiro sentido autenticamente *humano:* enquanto união ela é união *recíproca,* isto é, união com um outro ser humano mediante a linguagem dos corpos; numa palavra, ela é "*comunhão*" devida entre dois corpos que possuem um rosto, entre duas pessoas percebidas em sua totalidade, respeitadas em sua singularidade.

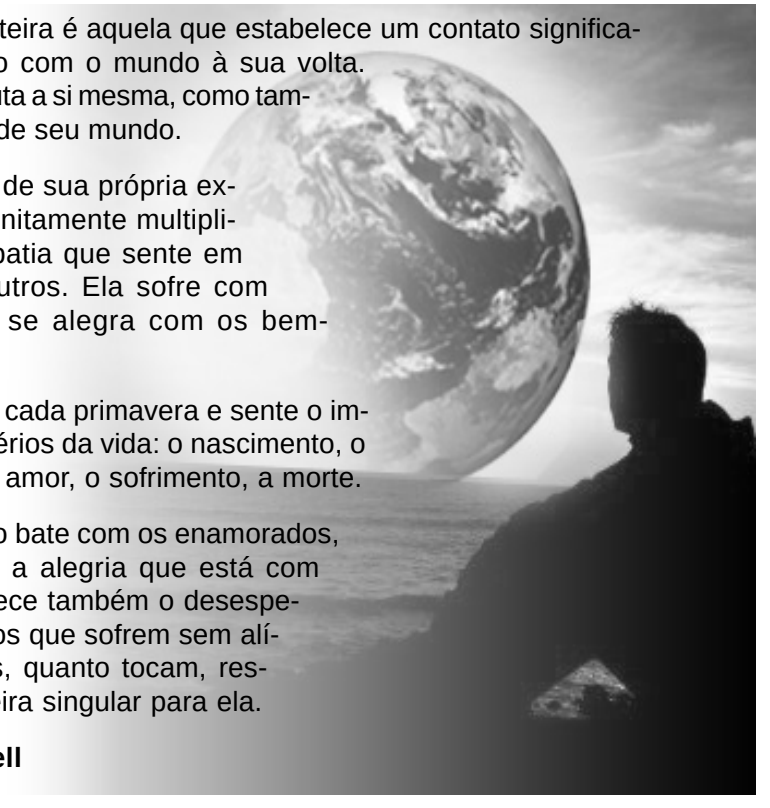
Ao investir em estratégias e dinâmicas que favorecem o crescimento e amadurecimento emocionais, está-se investindo na humanização e na vivência prazerosa e saudável da sexualidade, já que esta afeta todos os

gestos e marca todos os nossos comportamentos.

A maioria das dificuldades sexuais, individuais ou de casal, são sustentadas pela ausência de educação. Definitivamente, a "palavra" é indispensável na educação sexual, ela é que vai permitir a expressão das interrogações legítimas, a liberdade de pensar e dizer, o respeito aos valores pessoais. A palavra é uma excelente moeda de troca na relação a dois e nos grupos de conversa. Infelizmente, há muita falta de linguagem para expressar sentimentos relativos à sexualidade. Fácil é falar da sexualidade dos outros, fácil usar a gíria, a anedota. Desenvolver linguagem adequada, eis o desafio.

Deonira L. Viganó La Rosa Terapeuta de Casal e de Família. Mestre em Psicologia. deoniralucia@gmail.com

A PESSOA INTEIRA



A pessoa inteira é aquela que estabelece um contato significativo e profundo com o mundo à sua volta. Ela não só escuta a si mesma, como também às vozes de seu mundo.

A extensão de sua própria experiência é infinitamente multiplicada pela empatia que sente em relação aos outros. Ela sofre com os infelizes e se alegra com os bem-aventurados.

Ela nasce a cada primavera e sente o impacto dos mistérios da vida: o nascimento, o crescimento, o amor, o sofrimento, a morte.

Seu coração bate com os enamorados, e ela conhece a alegria que está com eles. Ela conhece também o desespero, a solidão dos que sofrem sem alívio; e os sinos, quanto tocam, ressoam de maneira singular para ela.

John Powell

"A transmissão e a educação da fé cristã na família"

Chegamos ao século XXI. Com ele, os tempos mudaram e, com as mudanças, surgem os desafios para todos, em especial, para a família - ambiente em que a vida começa.

Na família, aprendemos os primeiros passos tanto com o nosso corpo físico, quanto em nosso relacionamento com as pessoas. Desse relacionamento, surgem os princípios e os valores para a vida. Vivemos, crescemos, experienciamos e firmamos nossos dias por este caminho Entretanto, outros valores e outros princípios surgem entre as pessoas que - talvez - não se conformam com os primeiros, porém parecem bons também. Iniciam, então, os conflitos, as dificuldades, os desacordos, os desafios...

"Cabe à família a transmissão da fé cristã."

Famílias, analisem os caminhos e não deixem a sua família correr o risco de caminhar por caminhos apontados(?) por quem nunca andou por eles, mas que são promulgados como bons caminhos. Cuidado! Muito cuidado! E preciso não entregar o que já se construiu ou, quem sabe, até deixar que isto se perca em nome de buscar o novo, o virtual, o mais fácil... Nada perene, porém!

"Família: Educadora dos valores humanos e cristãos". Urge que tenhamos atenção, que abramos nossos olhos para o caminho que já se caminhou, além de refletirmos e de analisarmos o caminho que nos é apontado. A Família merece que cuidemos do bem e da vida de cada pessoa sem deixar

que nosso ponto de vista prevaleça. Que apenas a orientação em busca do Eterno seja o maior bem a ser vivido. Que o egoísmo, o comodismo e tantos *"ismos"* sejam refletidos não apenas abertos às famílias. É preciso ter muita atenção às ofertas que apenas criam expectativas, mas que não dão segurança nem vida e, muitas vezes, são enganosas e atrapalham o bem viver da família.

E necessário que estejamos atentos e que cuidemos da vida, do bem e da convivência familiar. Contudo, não sejamos egoístas ou individualistas frente às mais diferentes situações de cada família. É preciso que não julguemos o viver de cada situação familiar, mas que tenhamos presentes as Palavras do Evangelho: *"Que todos tenham vida e vida em abundância"(Jo 10,10)*. Que o conceito de vida e de família não seja abordado, impresso a partir de parâmetros intransigentes, pessoais ou - talvez - tendenciosos. Apenas a Palavra do Senhor: *"Que todos tenham vida"* seja o nosso servir.

Por isso, a partir da Semana Nacional da Família, *"Eu e minha família serviremos ao Senhor"(Js 24,15)*. O Setor Família da Diocese de Erexim - Erechim, RS convida você e sua família a também tomarem esta decisão. Assim, comprendamos, amemos nossa família e cuidemos para que ela sirva o Senhor, orientada pela Palavra do Evangelho: *"Que todos tenham vida e vida em abundância" (Jo 10,10)*.

Setor Família Diocese de Erexim

AVISO AOS ASSINANTES

1. Para renovação de sua assinatura utilize **PREFERENCIALMENTE** o envelope de depósito bancário que lhe for encaminhado.

2. Se utilizar outro envelope ou fizer uma transferência, **NÃO DEIXE DE NOS INFORMAR**, pelo telefone (32) 3214.2952, de 13:00 às 17:00 h ou pelo endereço eletrônico da livraria: livraria.mfc@gmail.com

3. Caso a remessa de sua revista seja interrompida, favor também nos comunicar pelos meios acima, pois seu pagamento poderá estar pendente de identificação.

4. O vencimento de sua assinatura será comunicado com a remessa do último número pago, juntamente com o envelope bancário para depósito da renovação.

Temos o máximo interesse em continuar a mantê-lo como assinante.

CAPITALISMO E ÉTICA

Manfredo Araújo de Oliveira *

ADITAL

A crise nos interpela a avaliar as raízes estruturais da sociedade que criamos na modernidade precisamente a partir de uma consideração de sua configuração atual apresentada como a realização plena de suas potencialidades: a sociedade mundializada. Este processo de mundialização se fez em função da efetivação eficiente do objetivo central deste modelo social que é a busca de lucros, de oportunidades de acumulação de capital como fim absolutizado, do controle dos mercados e de áreas de influência. Isto conduz tanto a uma competitividade exacerbada e destruidora da natureza como ao aprofundamento das desigualdades entre países ricos e pobres e entre os setores ricos e pobres no interior dos países. Um problema grave neste contexto é a inadequação das instituições vigentes nos três grandes níveis nacional, regional e mundial para controlar os agentes globais e garantir a democratização dos produtos do grande salto tecnológico e dos processos de expansão mundial do modelo.

Trata-se aqui de um modelo de crescimento humano centrado na visão do homem como um indivíduo fechado em si mesmo e em suas aspirações, no mercado como instância básica de coordenação da vida social e no lucro como fins últimos da vida societária. Ele

conduz a um progresso material gigantesco ligado a uma também gigantesca degradação da dignidade do ser pessoal uma vez que mercantiliza o ser humano em suas diferentes dimensões e o convence a se submeter a este processo como a algo natural. Nesta concepção, eticamente inaceitável é tudo o que se contrapõe à acumulação e à expansão do capital, uma visão hegemônica em nossos contextos culturais. Em última instância, esta concepção articula o sentido da vida humana: produzir e consumir ilimitadamente todo tipo de bem material, portanto, acumulação de bens materiais e maximização do consumo, o que significa uma redução da vida humana à sua dimensão material que em última análise significa o não reconhecimento efetivo da dignidade humana. Desta forma, um materialismo radical rege as relações entre pessoas e povos.

Quem não tem capital e poder de compra não é reconhecido. É a lógica da exclusão: aqui a pessoa humana não constitui peso decisivo no cálculo do sistema que é voltado a uma acumulação cada vez mais eficiente do capital. Este processo termina por reduzir o ser humano a um instrumento da acumulação propiciada por seu trabalho convertido em mercadoria. Hoje em muitos casos ele não chega nem a isto porque se transforma em mão-de-obra excedente. Esta forma de organizar a vida coletiva se contrapõe à igualdade fundamental de todos os seres humanos e isto estruturalmente porque aqui uns são donos e gestores do capital em todas as suas formas enquanto outros na melhor das hipóteses são donos de sua capacidade de trabalhar.

Neste sentido se deve dizer que esta estruturação social se radica na exploração porque apenas uma minoria se apropria dos benefícios do que a maioria produz. Assim, ela ignora no curso de sua efetivação as oportunidades desiguais dos cidadãos, submete-os a uma competição cruel e produz um ser humano voltado para si mesmo e para suas aspirações. Este tipo de personalidade identifica o sentido da vida pessoal com poder aquisitivo e

consumo. Assim se alimenta uma situação de injustiça que provoca a violência e se defende um modelo industrial de crescimento que não contabiliza os inúmeros custos externos da produção e menos ainda as consequências em custos sociais e ecológicos. Tudo significa dizer que este modelo socioeconômico se radica em valores e gera atitudes que destroem a dignidade do ser humano e tenta sufocar os movimentos de solidariedade que trazem à opinião pública o debate sobre um modelo alternativo. Uma vida ética aqui implica confrontação radical com um sistema incompatível com a dignidade de que é portador o ser humano.

** Manfredo Araújo de Oliveira é Doutor em Filosofia e professor da UFC. Presidente da Adital*

QUESTÕES PARA DEBATES:

1. Você concorda com as opiniões do autor?
2. Quais alternativas você julga viáveis para substituir modelo de vida tão excludente?

A força interior

Jamais estamos desamparados...
O amor é a força que nos move no mundo.
A maravilha da vida é o recomeço...

O céu surge em um dia repleto de oportunidades.
Um abraço, uma palavra abençoada...

Um gesto de paz.
As mãos estendidas para o serviço...

Esta irmandade espiritual que une tudo ao Todo.
Dedicada ao acesso benfazejo do toque sincero...

Mãos dadas, pés em marcha.
Por caminhos nunca antes trilhados.

A força interior...
a chama infinita do Bem.

paz e luz.

Jorge Leão
MFC - São Luis - MA

Presença

Para um grande número de pessoas, a presença necessária é alcançada quando percebem que o esforço das investidas é percebido por outros mesmo distante (um sms, um post, um e-mail), isso dá a plena certeza que, independente de onde estiver e, às vezes só, se sentirá acompanhado.Não faz muito tempo e jogar um game com os amigos era sinal de casa cheia, lanche e muito barulho. Hoje, na calada da noite reúnem-se dezenas de pessoas que, conectadas, se comunicam com tamanha eloquência que parece até que estão ao lado. As reuniões virtuais são cada vez mais frequentes, e podem ser de negócios, de amigos, de famílias. Estamos cada vez mais perto-perto/perto-longe, de quanto aparato tecnológico web precisamos para nos sentirmos parte presente de um mundo que, até pouco tempo não era virtual, nuvens? E aonde vamos chegar?

E você, o que prefere: perto-perto/perto-longe,???

Rubens Carvalho
Master Coach Sênior
MFC V Conquista

"Não importa por que lado seja aberta a caixa de um medicamento. A bula sempre vai atrapalhar."

Lei de Murphy

Contra o facebook

*Marían Sfrecker**

Hoje comecei um teste. Decidi experimentar ficar sem o Facebook no meu celular. Se der certo, vou estender o experimento ao iPad e, quem sabe, também ao computador.

Impetuosa, botei o dedo sobre o ícone do aplicativo e esperei ele começar a tremelicar, como é a regra no iPhone. Ele tremelicou. Respirei fundo e apertei o pequeno xis, que simboliza o apagar. Veio o alerta: se apagar o aplicativo, todos os dados serão apagados também.

Que ameaça! Sei bem que não basta apagar o aplicativo para todos os dados pessoais sumirem do Facebook. Isto requer outro tipo de iniciativa. Então por que mentem? O Facebook vai dizer que é coisa da Apple. A Apple pode responder que trabalha com "padrões de mercado. E a gente que reclame nas redes sociais!

Suponho que esse tipo de ameaça seja apenas um dos maus hábitos da indústria de aplicativos (ou "'éps", da abreviatura em inglês "apps", como os mais pedantes se referem a "software" hoje em dia). Nessa indústria, o número de "usuários" valoriza um negócio, ainda que os "usuários" sejam "inativos", o que a empresa só vai informar se não tiver como ocultar. Isto me lembra Rubens Ricupero, aquele ministro da Fazenda que, sem saber que o sinal já estava aberto para antenas parabólicas, disse à TV Globo: "0 que é bom a gente fatura; o que é ruim, esconde-se"

O fato é que sumi com o aplicativo do Facebook. Senti uma sensação boa. Aproveitei o entusiasmo e apaguei também os aplicativos do Linkedln, do Lulu (que instalei para testar e achei simplesmente péssimo) e até do Viber (algo entre o Skype e o WhatsApp). Combinei comigo mesma que vou observar o que acontecerá com as minhas mãos da próxima vez que ficar à toa com o telefone na mão. Será que vou tremer? Será que entrarei na App

Store e baixarei tudo de novo? Ou vou me esquecer aos poucos dessa mania de ficar fazendo a ronda na internet, checando as atualizações das redes e esperando reações a cada coisa que publico, nem sei bem por quê?

Sério mesmo: o Facebook é a maior perda de tempo que conheci na vida. Quanto mais amigos eu "faço", mais me distancio das pessoas que são realmente importantes para mim, A fatalidade é que sempre perco informações de quem me importa no meio da balbúrdia da multidão a que estou conectada.

Quando fiz essa observação outro dia, o engenheiro Luís Villani comentou que eu havia descoberto o "segredo de Tostines". Evocava a memória de uma velha propaganda de televisão, que explorou o seguinte mote: o biscoito vende mais porque é fresquinho ou é fresquinho parque vende mais? O Facebook é relevante porque estamos conectados a pessoas relevantes ou o Facebook é medíocre porque nossos "amigos" são medíocres? Ou uma rede social teria a capacidade de deixar as pessoas medíocres?

Será que nós, brasileiros, parecemos tão "sociáveis" porque achamos rude não aceitar "pedidos de amizade"? Será que supervalorizamos nossa imagem "popular", por isso colecionamos conexões como se fossem figurinhas de um álbum da Copa? Vamos fazer o quê? Começar de novo? E por que não?

Transcrito da Folha de São Paulo

SUGESTÃO DA REDAÇÃO:

Comparando os textos das páginas 19 e 20, fazer uma reflexão sobre os riscos e os benefícios do uso da tecnologia das redes sociais.

"Leis de Murphy"...

"O seguro cobre tudo, menos o que aconteceu."

"Quando você estiver com apenas uma mão livre para abrir a porta, a chave estará no bolso oposto."

"Quando tuas mãos estiverem sujas de graxa, vai começar a te coçar no mínimo o nariz."

“Com Francisco, o papa filósofo, o cristianismo volta à sua pureza”

Adital

Na entrevista concedida por Francisco ao Il Messaggero, encontrei algumas das novidades revolucionárias que este papa está introduzindo e que nem todos entenderam ainda.

Estou convencido de que esse é um pontífice muito filósofo, mas poucos se deram conta disso. Tende-se a pensar que a filosofia só se expressa com linguagem acadêmica; ao contrário, a filosofia é chegar à essência das coisas e expressá-la de modo simples, e Francisco tem exatamente essa capacidade.

Das palavras de Francisco, entende-se que a primazia para o cristão deve ser dada ao encontro com a pessoa de Cristo, que é posta acima do encontro com as ideias. O cristianismo não é ideologia, é um encontro com a pessoa.

É um conceito que Kierkegaard expressou de modo estupendo: quando não houver mais ninguém que ouça o Cristo contemporâneo, defende o grande filósofo, o cristianismo estará acabado.

A contemporaneidade de Cristo – uma contemporaneidade espiritual, entenda-se – é a condição da fé.

Na entrevista, o papa relembra com grande força os conceitos de pobreza e humildade, e observa justamente que isso não significa ser comunistas, mas, no mínimo, foi o comunismo, 2.000 anos depois, que roubou do cristianismo a bandeira dos pobres.

Kierkegaard expressa o mesmo conceito com outras palavras: “O enviado é Jesus Cristo, o humilhado. E foi ele que pronunciou as palavras de convite, mas não sentado na glória”, porque, “para crer em Cristo, é preciso começar com o abaixamento”.

Se ele tivesse vindo na glória, na riqueza, bem-vestido, teriam acorrido a ele os tolos, os pagãos. Mas Cristo é outra coisa: é o abaixamento, isto é, a pobreza. Por pobreza, Francisco entende tanto a física quanto a espiritual, "as periferias", como ele as chama. Ir buscar o homem na sua humildade total.

Francisco, além disso, fala de outra grande revolução que ele está implementando: a reforma da Cúria, que não é um ato político, não é apenas uma reorganização estrutural, como é dito às vezes nos jornais.

Francisco faz com que as pessoas entendam que a Igreja não é a Cúria, mas sim uma comunidade de cristãos que creem em Cristo, dos quais Cristo é a cabeça, e a Cúria é apenas – segundo a terminologia aristotélica – uma manifestação acidental, mas não a substância.

A dimensão do poder temporal deve ser eliminada pouco a pouco. Apesar das muitas reformas já feitas, a Igreja muitas vezes ainda tem os pés no poder.

Giovanni Reale é filósofo italiano, escreveu no jornal Il Messaggero, em 30-06-2014. A tradução é de Moisés Sbardelotto para IHU.

UTILIDADE PÚBLICA

XEROX DE DOCUMENTOS AVISO DA POLÍCIA CIVIL

A Polícia Civil recomenda que sempre que houver necessidade de entrega de fotocópias (xerox) de documentos PESSOAIS em lojas, Órgãos Públicos etc., devem ser colocadas na cópia "duas linhas" paralelas, tal qual num cheque cruzado e, dentro desse cruzamento escrever: "entregue para a loja tal", ou "entregue no órgão público tal". Isso ajuda muito a evitar que seus documentos sejam usados para abertura de contas, tomada de empréstimos, fraudes etc.

DEMOCRATIZAR A DEMOCRACIA

Marcelo Barros

ADITAL

Nessas últimas semanas, o brasileiro que estiver no exterior e ler a revista semanal de maior circulação no Brasil pode pensar que houve alguma revolução social no país. Também os grandes jornais da imprensa brasileira atacam o governo, como se a presidente da República tivesse dado um golpe de Estado.

Quem acompanha a imprensa brasileira sabe que, em geral, essa é muito conservadora e defende a democracia apenas quando essa favorece seus lucros. No tempo da ditadura militar, com exceção de algumas raras exceções, esses jornais e revistas sempre apoiaram e procuraram legitimar a ditadura e mesmo a repressão aos militantes de esquerda. Agora, em nome da democracia, esses mesmos comunicadores atacam o governo e especificamente o decreto 8243/ 14 assinado pela presidente Dilma criando a Política Nacional de Participação Social (PNPS). A revista fala em "sovietização" do Brasil, enquanto no Congresso, um deputado pernambucano do DEM denuncia que, através desse decreto de caráter "bolivariano", a presidente quer tirar o privilégio do Congresso legislar para dar poderes políticos a grupos sociais e ao povão.

Esses congressistas e órgãos de comunicação sabem perfeitamente que a presidente apenas está pondo em prática a Constituição Brasileira que ela jurou cumprir. Todos conhecem a lei magna que, logo em seu primeiro artigo, declara: "Todo poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente nos termos dessa Constituição". Se a participação cidadã é prevista na lei, seja através da representação parlamentar, seja de

modo direto, ninguém pode acusar a presidente por ter procurado organizar como essa participação direta das organizações e grupos sociais pode se concretizar.

Aliás, isso foi um dos pedidos das massas que saíram às ruas em junho de 2013 para pedir mais participação nas decisões políticas. Por isso, através da internet, mais de cem intelectuais brasileiros, comprometidos com as causas do povo se manifestaram apoiando a iniciativa da presidente. Muitas dessas pessoas não pertencem a partidos políticos. Várias têm sérias críticas ao atual governo. No entanto, saíram em campo com um manifesto em defesa do decreto presidencial. A cada dia, esse manifesto colhe mais assinaturas em favor da Política Nacional de Participação Social. O único risco de "revolução social" no Brasil, como ocorre na Europa, vem de grupos de direita que tornam a democracia praticamente inexistente e impõem a ditadura do mercado.

Em direção oposta, o objetivo declarado do decreto presidencial é justamente "fortalecer e articular os mecanismos e as instâncias democráticas de diálogo e a atuação conjunta entre a administração pública federal e a sociedade civil". Se isso funcionar, teremos, pela primeira vez em nosso país, a aproximação desejada entre o Estado e a população. Por isso, essa democracia participativa é um instrumento importante de exercício da cidadania, está em plena obediência ao espírito da Constituição Federal e em nada prejudica ou diminui a democracia representativa, ou seja, a função própria do poder legislativo.

O decreto presidencial explicita como diretrizes:

I – o reconhecimento da participação social como direito do cidadão e expressão de sua autonomia;

II - complementariedade, transversalidade e integração entre mecanismos e instâncias da democracia representativa, participativa e direta;

III - solidariedade, cooperação e respeito à diversidade de etnia, raça, cultura, geração, origem, sexo, orientação sexual, religião e condição social, econômica ou de deficiência, para a construção de valores de cidadania e de inclusão social;

IV - direito à informação, à transparência e ao controle social nas ações públicas, com uso de linguagem simples e objetiva, consideradas as características e o idioma da população a que se dirige;

V - valorização da educação para a cidadania ativa;

VI - autonomia, livre funcionamento e independência das organizações da sociedade civil; e

VII - ampliação dos mecanismos de controle social.

Os setores que se mobilizam contra esse decreto sempre atuaram contra a democracia e agora manifestam o seu destempero quando percebem a sociedade civil mais organizada e com instrumentos de participação nos destinos do país. A campanha de desinformação por parte de certos setores da elite continuará, mas é função de todos os cidadãos e cidadãs valorizar o seus direitos civis e, tanto na família, como nos grupos de base buscar a verdade e defender o que é justo.

Para as comunidades cristãs, a palavra "participação social" é a que traduz o termo grego: Koinonia, que, nas Igrejas, se tornou "comunhão". Criar a comunhão é um projeto divino. O termo Igreja foi inspirado nas assembleias de cidadãos do mundo grego antigo. Paulo trouxe o termo Igreja para as comunidades cristãs para educá-las à participação de todos e como um ensaio do que o Espírito Divino propõe para o mundo todo. Paulo escreveu à comunidade cristã de Corinto: "Através de Jesus Cristo, Deus nos chamou à comunhão, ou seja à plena participação social" (1 Cor 1, 9).

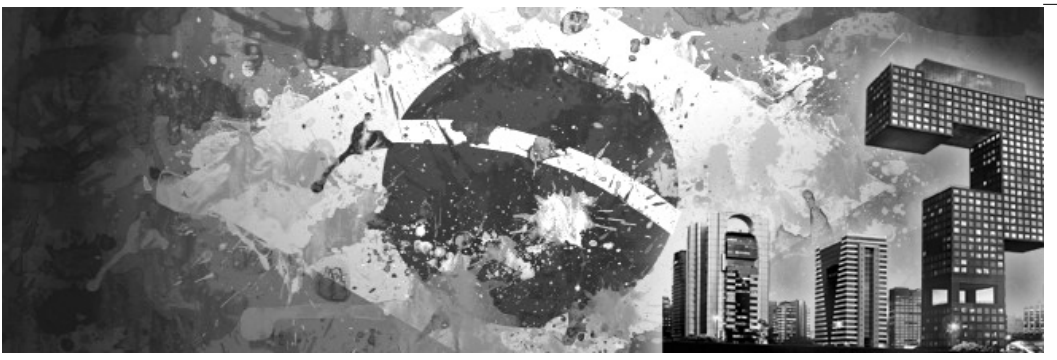
Marcelo Barros é Monge beneditino, escritor e teólogo brasileiro. Em 1969 foi ordenado padre por Dom Helder Camara e, durante quase dez anos, de 1967 a 1976, trabalhou como secretário e assessor de Dom Hélder para assuntos ecumênicos. É um dos três latino-americanos membros da Comissão Teológica da Associação Ecumênica dos Teólogos do Terceiro Mundo (ASETT), que reúne teólogos da América Latina, África, Ásia e ainda minorias negras e indígenas da América do Norte

Frases de Stanislaw Ponte Preta - Sérgio Porto

Mais monótono do que itinerário de elevador.

Macrobiótica é um regime alimentar para quem tem 77 anos e quer chegar aos 78.

Sempre ouviu dizer que o homem totalmente realizado é aquele que tem um filho, planta uma árvore e escreve um livro. Tinha um filho, plantou uma árvore, o filho trepou na árvore, caiu e morreu. Só lhe restou escrever um livro sobre isso.



FORMAÇÃO E MANIPULAÇÃO DE EXPECTATIVAS ECONÔMICAS E POLÍTICAS NA ATUALIDADE

Guilherme C. Delgado *

Estado de confiança e as expectativas em relação ao futuro imediato ou de longo prazo são conceitos essenciais à compreensão do movimento do mundo dos negócios. Ciclos de expansão e contração longos da atividade econômica, assim como movimentos conjunturais de euforia ou pessimismo do mundo empresarial em relação à dinâmica dos mercados provocam na prática mudanças importantes na produção e no emprego, de sentidos opostos.

Esses conceitos, trazidos ao centro da teoria econômica pela "Teoria Geral" de Keynes são construções teóricas de raiz teológico-filosófica, ligados à crença e à esperança, que a economia moderna adotou sem maiores indagações de significado e sentido, deixando no ar um certo ar de mistério. Isto porque não é propósito da "Teoria Geral" explicar como se produzem os "estados de confiança' conectados a um dado movimento de expectativas em relação ao futuro dos fluxos econômicos, ambiente em tomo do qual o "espirito animal' dos empresários se sente animado ou desanimado para expandir ou contrair a atividade econômica e o emprego". Mas é tão importante a crença do empresário sobre o rumo futuro da economia, vencida incerteza, que é a partir dela que tomará decisões de agir (investir) na expectativa de obter resultados favoráveis, sempre no estrito sentido utilitário estrito, que é a "ética" compulsória do mundo dos negócios.

Por outro lado, a manipulação das' expectativas empresariais, seja com campanhas muito bem orquestradas de "marketing" para vender a ideia-força do "boom' econômico; ou o seu inverso, operações ao estilo "banda de música" midiática, para criar ambiente de pessimismo econômico, tendo em vista destruir

determinados arranjos de política econômica; não são eficazes, no primeiro caso, para criar um estado de confiança favorável e tampouco o são no segundo para autonomamente deprimir o sistema econômico. Mas a engenharia da "banda de música" do pessimismo, se não é eficaz para criar incerteza econômica dura no mundo dos negócios, o é para acentuar tendências niilistas no ambiente social e político, que fatalmente contaminam o ambiente econômico.

Aparentemente a "banda de música" midiática, orquestrada em sucessivas matérias de cadernos econômicos dos jornais e revistas de circulação nacional, repercutidas nas principais redes de TV e Rádio teria, depois de mais de um ano de campanha, derrubado a estratégia de crescimento brasileira, desenhada para expandir o Produto Interno Bruto em patamar nunca inferior aos 3,00 no ano da Copa do Mundo e da eleição presidencial. Conquanto a tendência do crescimento fraco deste ano esteja se configurando pelos dados do primeiro semestre,não me parece que a causa eficaz seja a das campanhas de mídia.

Há evidente perda de fôlego do desenvolvimentismo, puxado pelos setores primário-exportadores, com certa distribuição de renda propiciada pela política social, forjado nos dois mandatos do Lula e continuado na gestão Dilma. Mas ao mesmo tempo o sistema político reage fortemente a quaisquer veleidades de continuação do experimento distributivo. E por sua vez o setor externo não está mais aberto à continuidade da expansão das "commodities", como esteve na primeira década.

Diante desse quadro de certa reversão cíclica, o sistema de economia política dominante, pela voz das três candidaturas à eleição presidencial - Dilma, Aécio e Eduardo Campos, muito pouco se diferencia relativamente às estratégias de futuro. Reformas estruturais, ao estilo reforma agrária, tributária e urbana estão interditadas nas agendas desses candidatos e ao mesmo tempo não há espaço para repetir o percurso da década anterior.

A tentação de manipular sistematicamente, seja pela oposição midiática (verdadeiro partido político), seja pelo campo oficial, agora com seu "participacionismo social de fachada", tendem a elevar o grau de incerteza geral e de certa irresponsabilidade social. E este caldo de cultura precisa ser revertido porque não é bom parteiro da história.

**Guilherme C. Delgado é economista e pesquisador do IPEA*

Transcrito do Boletim Rede

Intimidade em Construção

Rosely Sayão *

Não sei se temos o que ensinar aos mais novos sobre relacionamentos, já que temos tropeçado nessas questões

Quais serão os significados para namoro que os mais novos têm construído a partir da atenta observação que fazem do mundo adulto? Duas histórias ajudam a levantar algumas pistas a esse respeito.

A primeira teve como foco os adolescentes. Em uma conversa, duas mães trocavam ideias a respeito da novidade que enfrentavam: as relações amorosas dos filhos.

Uma reclamava que a filha não queria outra coisa a não ser namorar e que ela estava há semanas ocupada com o presente que daria ao namorado... Estudos, provas? Nem pensar.

Sua interlocutora, depois de ouvir a queixa, disse que ficaria feliz se sua filha tivesse um namorado. "Melhor namorar do que ficar, ficar e ficar", disse. Em seguida, contou que já conversara com a filha diversas vezes na tentativa de convencê-la de que beijar vários meninos na mesma noite não a faria feliz, mas nunca tivera êxito.

A segunda história envolveu uma criança de quase sete anos. Depois que ela observou atentamente a mão de sua professora, perguntou por que esta usava duas alianças. Antes mesmo de a professora responder, arriscou sua hipótese e perguntou se ela tinha dois namorados.

A professora achou graça e esclareceu que se tratava de dois anéis e disse que ninguém tinha dois namorados. A garota prontamente respondeu: "Minha mãe tem". A professora, totalmente sem graça, não soube como levar a conversa adiante.

Essas histórias ilustram duas características do mundo contemporâneo.

Hoje, pais e filhos conversam abertamente sobre suas relações amorosas. Não são apenas os filhos que consultam seus pais ou contam suas alegrias e/ou decepções nesse campo na expectativa de que, com sua experiência, eles possam ajudar.

Muitos pais que se separam e tentam construir uma nova relação se abrem com seus filhos para contar intimidades que, antes, eram proibidas.

Outra característica é o fato de que crianças pequenas têm aprendido coisas com os adultos que não lhes dizem respeito, ainda. Como elas não sabem disso, usam o que aprendem da maneira que podem e conseguem.

Por que será que muitos adolescentes têm preferido ficar a namorar?

Entre outros motivos, certamente porque constataram, direta ou indiretamente, que não é pequeno o número de adultos de seu círculo que reclamam dos compromissos que um relacionamento amoroso impõe. E compromisso, hoje, é sinônimo de aprisionamento, não é?

Por que será que crianças bem pequenas beijam seus pares na boca com muita frequência, querem "namorar", sofrem de amor e versam sobre essas questões com a maior naturalidade? Porque acreditam que isso faz parte de suas vidas. E não faz?

Por que será que casais de adolescentes namoram escandalosamente em qualquer local público, sem a menor cerimônia? Porque eles nasceram e crescem num mundo que não tem clareza a respeito do que cabe no convívio social e do que deveria se restringir à intimidade.

Não sei se temos o que ensinar aos mais novos sobre troca de afeto, enamoramento, namoro e compromisso amoroso, já que temos, nós mesmos, tropeçado bastante nessas questões depois que o mundo trocou seus principais valores. Nossa contribuição talvez seja a revisão da hierarquia dos valores que estabelecemos para o tema.

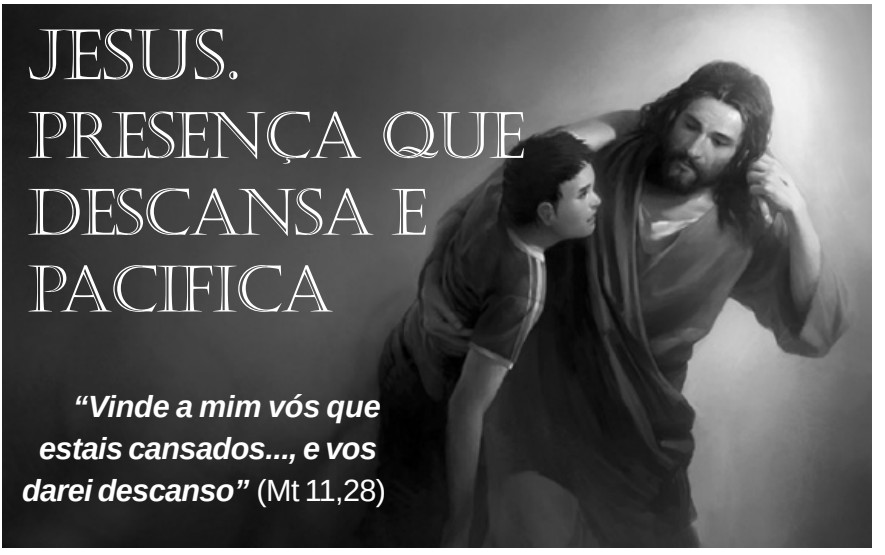
Rosely Sayão é psicóloga e autora de "Como Educar Meu Filho?" (Publifolha)
blogdaroselysayao.blog.uol.com.br

Transcrito da Folha de São Paulo

"Quando você acha que as coisas começam a melhorar, é porque algo te passou despercebido."

Lei de Murphy

JESUS. PRESENÇA QUE DESCANSA E PACIFICA



"Vinde a mim vós que estais cansados..., e vos darei descanso" (Mt 11,28)

Todo esforço precisa seu descanso, toda atividade pede uma parada. Não há tensão que não exija um relaxamento, nem atividade continuada que não peça uma recreação.

Os ***cansaços*** acabam nos revelando que em nossa vida ativa estamos amputando certas dimensões do humano. Precisamos de ***"paradas",*** mas paradas com argumento interior. Elas devem ser algo assim como um retorno contemplativo, uma ***"reflexão"*** em direção à raiz de nossas motivações.

A **vida** tem necessidade de ***"consideração", "avaliação", "fundamentação"...*** Do contrário, ela perde densidade e, sobretudo, desperdiça sua própria beleza.

Assim, o **descanso**, em seu sentido nobre, impede que nos convertamos em meros trabalhadores estressados; ele nos arranca de nossa existência maquinal.

O **descanso** permite sintonias profundas conosco mesmo e com a profundidade das circunstâncias habituais que fazem parte do nosso cenário cotidiano.

Ele desperta uma predisposição pessoal que pode ser decisiva para redescobrir o valor e o sentido do cotidiano no qual voltamos a mergulhar. O **descanso** inspira, nos faz criativos, porque toca as profundezas de nós mesmos e das atividades rotineiras.

O **descanso** nos conserva humanos; ele ajuda a recuperar um ritmo de vida mais humanizante

(recupera a pessoa e sua capacidade de estabelecer relações gratuitas com outras pessoas, com a natureza e seus ritmos...). Não basta simplesmente poder folgar; ter acesso ao verdadeiro **descanso** é recuperar o sentido da gratuidade das nossas atividades e que melhoram a vida e a convivência.

O **descanso** pode ser um bom tempo para retomar a vida com mais liberdade e para realizar atividades mais humanizantes. Nesse sentido, o objetivo principal do **descanso** é recuperar nosso lugar e nossa condição de homens e mulheres, afastando de nós o endeusamento e as fantasias de onipotência.

No **descanso,** voltamos a pisar a terra (***húmus – humildade***) para recuperar uma relação desinteressada e sadia com os outros, com o mundo e com Deus. Viver uma vida ativa descansadamente é viver com os pés na terra e contemplando as *"coisas do alto"*.

As palavras ***"repouso", "descanso"*** e suas variantes tem, para Jesus, um sentido e um peso próprios. Jesus não é presença cansativa, pesada, impositiva; ao contrário, ao entrar em sintonia e comunhão com aqueles que suportam o fardo da opressão política e religiosa, Jesus os pacifica e os harmoniza. O único "jugo" de Jesus é o amor; e o amor não pesa, mas dá asas ao coração e desata as ricas possibilidades presentes no outro.

O "fardo" de Jesus não trava a vida e se expressa no serviço aos outros. Não é o fardo da obrigação, mas o da liberdade; não é o fardo da imposição mas o da oferta. O "jugo" de Jesus humaniza as pessoas porque está centrado na vida e não no ritualismo religioso. O **descanso** é o melhor em Jesus, o prazer da vida, a graciosidade da misericórdia, a celebração da sua presença no meio dos excluídos.

O **descanso** de Jesus é sua presença pacificadora, acolhedora. E eis que o **descanso** d'Ele se abre para como oferta: "eu vos darei descanso". Trata-se de um **descanso** tão amplo que podemos entrar nele. Ele nos envolve, nos atrai, enche-nos com a sua bênção.

"Viver descansadamente" é encontrar um descanso, uma paz interior, uma quietude, uma consolação, uma satisfação na vida e nas atividades, e que tem sua raiz na comunhão com Deus que trabalha e descansa. A vida do ***"contemplativo na ação"*** é uma vida ativa vivida ***"descansadamente",*** ou seja, na presença de Deus, com o coração centrado n'Ele, fazendo somente Sua Vontade...

Nesse sentido, o **descanso** não é um simples reabastecimento, mas uma regeneração na qual se recompõe a interioridade, o espírito criativo, a disposição de coração... O **descanso** não é uma ***"desconexão"*** , senão uma***"conexão"*** com aquilo que é o impulso fundamental de nossa vida cotidiana. **E só no gratuito é que descansamos**.

Queiramos ou não, ***"descansamos"*** na medida em que ampliamos nosso mundo próximo. O lugar comum, o repetitivamente particular, a rotina normótica, nos esgota. O olhar de curto alcance e os horizontes estreitos embotam o gosto pelas mesmas coisas cotidianas. Por sua própria dinâmica repetitiva e por suas limitações humanas inegáveis, a cotidianidade vicia nosso juízo, diminui nossa visão objetiva, mata a criatividade, apaga o elán vital... Os ares tornam-se rarefeitos e quase irrespiráveis ali onde tudo permanece dentro do ciclo infinito do ***"sempre foi assim"*** e o ***"sempre aqui".***

Com isso, o **descanso,** como as demais dimensões de nossa vida, encontra seu lugar adequado a partir de nossa condição de filhos e filhas de Deus e seguidores de Jesus. Como cristãos, o **descanso** é a ocasião propícia para realçar ***"quem somos nós",*** o que são os ***outros,*** e a primazia de ***Deus.*** Portanto, **"tempo para ser".**

O **descanso** verdadeiro tem a ver com uma certa ***"transgressão"*** do ritmo cotidiano e com um certo exercício de ***"universalização",*** com uma amplitude do ***olhar...***

"Descansamos" quando descobrimos mundos novos e visões diferentes. O espírito humano não é exclusivamente sedentário: ele é mais ***humano*** na medida em que se move.

Precisamos ter acesso a outras situações, a outros ambientes, a outras maneiras de conceber a vida, e experimentar então o verdadeiro tamanho de nossos desejos e de nossos sonhos.

Precisamos conhecer outras referências, outros pontos de vista...

Nossa **identidade** não se constrói somente por meio do domínio de nosso próprio mundo; desenvolve-se também quando acolhemos o diferente, nos abrimos ao novo...

Desarmados de nossos pré-conceitos e de nossas falsas seguranças, o **descanso** nos faz estremecer diante da realidade que sempre nos surpreende.

Textos bíblicos: Mt 11,25-30

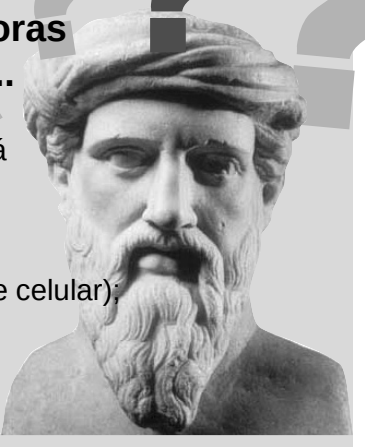
Na oração: O **descanso** é uma forma de relacionamento: ele pode ser compreendido como um momento privilegiado no qual cultivamos os valores da gratuidade: a alegria de fazer-se presente, o sabor da comunhão que realiza o maior prazer, o prazer de conviver, desfrutar com os outros as pequenas coisas, o serviço mútuo, a natural simplicidade, a sensibilidade despojada, a serenidade benfazeja...

Nessa relação contemplativa e jubilosa consiste o descanso "cristificado". Diga-me como você descansa e eu lhe direi como você trabalha e trata os outros". Muitas vezes os outros são obrigados a pagar a fatura do nosso cansaço, do nosso ativismo. Tornamo-nos "cansativos".

- Sua presença, pacifica o ambiente, harmoniza as pessoas...?

Pe. AdroaldoPalaorosj
Diretor do Centro de Espiritualidade Inaciana - CEI

Tem coisas que nem Pitágoras explicaria. Aí vai uma delas..

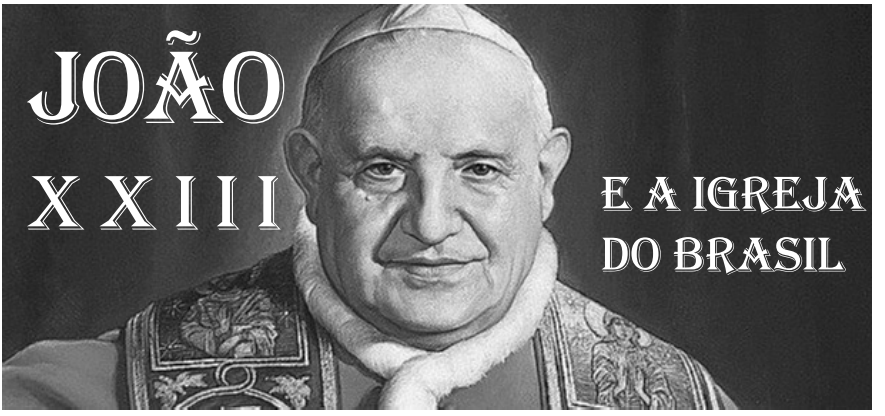


Pegue uma calculadora porque não dá pra fazer de cabeça...

1 Digite os 4 primeiros algarismos de seu telefone (não vale número de celular);
2 Multiplique por 80.
3 Some 1.
4 Multiplique por 250.
5 Ssome com os 4 últimos algarismos do mesmo telefone.
6 Some com os 4 últimos algarismos do mesmo telefone de novo.
7 diminua 250.
8 divida por 2.

Reconhece o resultado???????

É O NÚMERO COMPLETO DE SEU TELEFONE



*José Oscar Beozzo**

"Quem é esse?"Foi a pergunta perplexa na Praça de São Pedro e mundo afora, no dia 28 de outubro de 1958, quando se anunciou o nome do novo papa, Giovanni Roncalli, que tomou para si o nome de João XXIII. Cinco anos depois, quando ele morreu em 3 de junho de 1963, o povo brasileiro chorava a partida do Papa buono, do Papa bom, junto com a massa silenciosa em vigília no Vaticano e nos quatro cantos do mundo. Para compreender esse sentimento de afeto e tristeza, conta muito o propósito, que animou seu serviço como bispo de Roma e como papa: "Agora, mais do que nunca, certamente mais do que nos séculos passados, pretendemos servir ao homem enquanto tal e não só aos católicos; principalmente, antes de tudo e, em qualquer lugar, aos direitos da pessoa humana e não somente aos da Igreja católica".

Delegado apostólico por mais de vinte anos em países ortodoxos como Bulgária e Grécia ou islâmicos, como a Turquia, aprendera a respeitar e amar as outras Igrejas cristãs e os muçulmanos. A dom Helder Câmara, que lhe levara o convite do presidente Juscelino Kubitschek para abençoar a inauguração de Brasília e que lhe contava entusiasmado o trabalho da Cruzada Sebastião para remoção de favelas no Rio, advertiu João XXIII: "Se você tivesse vivido no Oriente, nunca empregaria este termo cruzada"!

O maior e mais duradouro impacto do seu pontificado foi o anúncio em, 25 de janeiro de 1959, da convocação de um Concilio ecumênico para o *aggiornamento* da igreja e a busca da unidade entre os cristãos. Pediu aos bispos do mundo inteiro que expusessem com liberdade as questões que deveriam compor a sua pauta. Do Brasil, 132 dos 167

bispos responderam e abraçaram mais tarde com entusiasmo, a grande aventura conciliar. Instados por João XXIII, lançaram-se a um ambicioso plano de cooperação entre leigos e padres, religiosos e religiosas e aprovaram na V Assembleia da CNBB, em abril de 1962, o Plano de Emergência da Igreja do Brasil.

Compareceram à abertura do Concilio 173 bispos brasileiros. Compuseram o impressionante cortejo de mais de 2500 padres conciliares de todo o mundo, que adentrou a Basílica de São Pedro na manhã de 11 de outubro de 1962. Para lá, retornaram no outono dos anos seguintes, até a clausura do Concilio por Paulo VI, em 8 de dezembro de 1965. Ouviram, ao lado de observadores das outras Igrejas cristãs, o decisivo discurso de abertura do Concilio, *Gaudet Mater Ecclesia* (Alegra-se a Mãe Igreja). Iniciaram, ali, um promissor aprendizado de diálogo e cooperação ecumênicos e de contato, escuta e intercâmbio com a diversidade católica representada pelas antigas Igrejas do Oriente, as jovens igrejas da África, da Ásia, da América Latina, Caribe, Oceania e as velhas cristandades europeias. João XXIII pediu a todos, atitude confiante e positiva, sem condenações nem anátemas.

No dia 21 de novembro de 1962, recebeu de maneira calorosa os bispos brasileiros presentes no Concilio. Depois dos primeiros parágrafos, abandonou o discurso preparado pelos assessores e misturou-se aos bispos, querendo saber de suas dioceses, preocupações e trabalhos. Sua encíclica *Mater et Magistra* de 1961 alargara a questão social. Estendeu-a do mundo operário ao dos trabalhadores do campo e ao mundo todo, no qual apontou o inaceitável desequilíbrio entre os países desenvolvidos e subdesenvolvidos. No Brasil, suscitou intenso debate sobre a reforma agrária, tema que dividia a sociedade e também a igreja. Apoiada na palavra do Papa, a CNBB expressou seu apoio à proposta de reforma agrária do Governo Goulart. Suscitou viva reação de alguns bispos e de leigos alinhados com a defesa intransigente da propriedade no movimento Tradição, Família e Propriedade.

A última encíclica, a *Pacem in Terris,* de abril de 1963, promulgada a dois meses de sua morte, apresentou firme condenação de toda e qualquer guerra como meio de resolver conflitos entre as nações. Diante do poder devastador das armas químicas, biológicas e nucleares, o papa abandonou a doutrina tradicional da guerra justa. Afirmou que nenhuma guerra era mais justificável; que constituíam um crime contra a hu-

manidade. Pessoas, instituições e nações deviam se empenhar para estabelecer instrumentos de diálogo e de superação de situações injustas, para se construir a paz entre os povos.

Sobre a *Pacem in Terris,* escreveu Alceu Amoroso Lima: "[...] pela primeira vez na história dos documentos pontifícios, o Papa se dirige, não apenas aos bispos e aos fiéis, mas a 'todos os homens de boa vontade". '[...] acena ele para 'colaboração dos católicos com as 'pessoas que não fé em Cristo ou têm-na de modo errôneo', caso em que se tomam esses 'encontros' não só legítimos mas benéficos, pois 'podem ser para estes, ocasião ou estímulo para chegarem à verdade... ''

No Brasil, envenenado pelo acirramento ideológico que preparava o golpe militar baseado em primário anticomunismo e escassa preocupação social de suas elites, o chamamento do papa ao diálogo e à cooperação para o bem comum levou estudantes católicos da JUC (Juventude Universitária Católica) a se aliarem a partidos de esquerda nas eleições para a direção da UNE (União Nacional dos Estudantes) e federações estaduais de sindicatos rurais de inspiração cristã a cooperarem com outras controladas por comunistas, para empalmarem a direção da CNTA (Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura), em 20 de dezembro de 1963. João XXIII apontava para o futuro, enquanto muitos continuavam presos à intransigência e aos impasses da guerra fria.

A canonização de João XXIII representa o reconhecimento de sua santidade, mas também de um caminho de Igreja baseado no seguimento de Jesus e de um sonho de uma humanidade sem fome nem guerras, inspirado numa fraternidade sem fronteiras, que o papa Francisco volta a propor com vigor e destemor.

**José Oscar Beozzo é teólogo e historiador. Coordena o CESEEP (Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular) jbeozzo@terra. com.br*

Transcrito do Boletim Rede

"Como diz o cara absolutamente íntegro apanhado roubando: 'Bem, eu também sou humano."

Millor Fernandes

Limites e potencialidades

Pe. Alfredo J. Gonçalves

ADITAL

Insegurança e medo, tristeza e angústia, fracasso e frustração, impotência e fragilidade, sensação de inutilidade e solidão, dúvida e desencanto – eis um desfile de palavras que costumam nos levar à mais absoluta nudez. Vemo-nos repentinamente nus e sós, órfãos e perdidos, desarmados diante das intempéries e adversidades da existência.

Tudo isso, porém, não deixa de ser um espelho cheio de ambiguidade: reflete, simultaneamente, a própria fraqueza e debilidade, mas também a possibilidade de mudança. Espelho tanto mais vivo e veraz quando retrata uma "situação limite" de doença, separação, desemprego, morte, amor não correspondido... As forças nos abandonam, tudo se torna escuro, nossa pequena embarcação permanece à deriva das ondas turvas e bravias. As tribulações, tormentas e a tempestade não deixam ver o farol e o porto, e menos ainda acertar o rumo da travessia. Noite sem estrelas, deserto sem oásis, floresta sem trilhas!

Semelhante nudez, por outro lado, e por mais paradoxal que pareça, também pode converter-se numa oportunidade de reflexão e retomada. Uma experiência que, quando levada em consideração e estudada a fundo, nos traz verdadeiras lições de vida: trata-se, ao mesmo tempo, de trevas que trazem nova luz, de desespero que reacende a chama de novas esperanças, de uma cegueira que se abre a novas formas de visão, de limites que revelam novas potencialidades.

Trevas e luz. As trevas nos envolvem numa atmosfera sombria e desoladora, deixando-nos cegos diante do porvir. Ao mesmo tempo, porém, desafiam a acender uma vela, uma por menor que seja. A pequena chama multiplica-se, outros podem também acender a

sua. Pouco a pouco, em raios cada vez mais amplos, a luz vai vencendo a escuridão, iluminando o ambiente e devolvendo a capacidade de identificar o caminho. Numa palavra, as trevas momentâneas representam um estímulo não só para si mesmo, mas também para a solidariedade dos demais.

Desespero e esperança. O desespero costuma quebrar as pernas de qualquer pessoa. A dor entorpece, os ânimos se murcham e se apagam. A primeira reação é fugir de tudo e de todos, refugiar-se na solidão e no isolamento, entregar-se ao pranto, curtir um sofrimento que, à primeira vista, parece não ter remédio. Mas logo secam as lágrimas que embaçavam as coisas e pessoas. Um raio de esperança cruza o espaço carregado de nuvens, as águas se precipitam, limpam o céu e abrem perspectivas no horizonte. Contaminados por sua energia elétrica, outros raios surgem daqui e dali, refaz-se a confiança. A cabeça se ergue, as pernas se equilibram e, passo a passo, retomamos o percurso da vida. O desespero traz em si a semente de novas esperanças.

Cegueira e visão. Aqui, o exemplo clássico é a conversão de Saulo, o perseguidor, em Paulo, o grande apóstolo do Senhor, no caminho de Damasco (At 9,1-19). Saulo dizia-se um "judeu irrepreensível", estudioso da escola de Gamaliel, profundo conhecedor da lei e dos preceitos da religião do seu povo, o judaísmo. Mas todo seu conhecimento não passa de cegueira diante da luz do Ressuscitado. No encontro com Este, perde a visão e necessita de alguém que o conduza até a cidade. Ali, mesmo com toda a sua pretensa sabedoria, Saulo vê-se constrangido a pedir conselho ao discípulo Ananias sobre o que deveria fazer. E assim torna-se Paulo, "o apóstolo de todas as gentes". A perda da vista (cegueira) fê-lo enxergar com os olhos do coração e da alma (fé e esperança).

Limites e potencialidades. Enquanto os limites e imperfeições de qualquer pessoa afloram imediatamente à tona, suas potencialidades costumam surgir lentamente, com o passar do tempo. Disso resulta, por um lado, a facilidade com que apontamos os defeitos dos outros e, por outro, a demora em reconhecer suas energias positivas. Todo limite, porém, quando dele tomamos consciência, pode estimular um processo de superação. Nisso o ser humano se diferencia dos outros animais. A cada minuto, a cada hora, a cada dia é capaz de superar-se a si mesmo, tornando-se superior às próprias imperfeições. Não raro o limite converte-se, ele mesmo, numa espécie de trampolim para um salto de qualidade.

Pe. Alfredo J. Gonçalves é Assessor das Pastorais Sociais

Por que celebramos ?

A comunidade tem fundamental importância para o nosso crescimento espiritual, pois é através dela que Deus manifesta sua misericórdia. Sem comunidade, não existe Igreja. Pois o próprio Jesus começou o seu ministério chamando homens e mulheres para segui-lo, formando assim a primeira comunidade de seguidores fiéis ao chamado do mestre. É o vinde e vede! Desta forma, inicia sua pequena comunidade de discípulos e discípulas, que partilha a sua experiência de vida de filho de Deus-Pai, mostrando-lhe o grande amor de Deus para com todos, através das curas e das parábolas, a fim de que esta comunidade descobrisse a grande misericórdia do Pai, que quer ver sempre os seu filhos em harmonia e paz. Realmente, é na comunidade que o Amor do pai se manifesta, dando-lhe o Espírito Santo, lá no Cenáculo, em Jerusalém. Quando todos se encontravam com medo. Entretanto, a mãe de Jesus estava presente, segundo narra os Atos dos Apóstolos, para incentivar e encorajar esta comunidade , que não estava órfã mas, que contava com a presença eficaz do Espírito Santo.

Jesus Cristo está vivo em nosso meio, Ele ressuscitou para ficar conosco. **"Eis que estarei convosco todos os dias... até os confins da terra."** Os apóstolos, os discípulos que foram chamados , após a Ressurreição saíram de Jerusalém e foram anunciar e proclamar as experiências, das quais haviam compartilhado com o Mestre. Além de anunciar e reve-

lar a Boa Nova, eles batizavam a todos que acreditavam em Jesus Cristo, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

Formaram-se assim várias comunidades, **que possuíam um único chefe: Jesus Cristo.** Reúnem-se em torno da mesa da refeição, para atualizar a última ceia que Jesus fez com seus discípulos, fazendo isso em memória **"Dele"**. Passados mais de 2000 anos de sua subida ao Pai, as comunidades se reúnem para celebrar a presença de Jesus. Hoje, como estamos celebrando a memória de Jesus? o advento da **"indiferença global"** expressão usada pelo Papa Francisco, nos deixa indiferentes até com as nossas relações religiosas.

Participemos das nossas celebrações com maior empenho, que não sejamos meros espectadores apenas para enxergar as falhas dos ritos ou de quem estar presidindo a celebração. Que a exemplo de São João Maria Vianey, o Santo Cura d'Arce, pedia sempre que Maria, a mãe de Jesus, ficasse sempre com ele ,para que a sua celebração fosse digna e aceita por Deus-Pai. Vivamos a certeza desta presença viva e atuante de Cristo em nosso meio, para que o **Mundo creia.**

Pe. Eduardo Belotti é Assessor Eclesiástico MFC de Maringá.
edubelotti@yahoo.com.br

"Habitação popular é uma casa sem portas e em que não se pode colocar janelas por não haver paredes."

"Jornalista é aquele cara que tem influencia para ser preso mas não tem poder para ser solto."

"Não existe o tempo. Existe o passar do tempo."

A polícia anda dizendo que prende um bandido de meia em meia hora, então a gente fica desconfiado que eles assaltam de 15 em 15 minutos.

Millor Fernandes

PROGRAMA "MAIS MÉDICOS" O OLHAR POSITIVO DOS PACIENTES ATENDIDOS

*Pe. Virgílio Uchôa**

O programa do Ministério da Saúde, denominado "Mais Médicos", foi lançado em 8 de julho de 2013. Seu objetivo é amenizar a carência desses profissionais de saúde nos pequenos municípios distantes dos grandes centros urbanos e nas periferias das grandes cidades. Pretende-se com ele levar 15 mil médicos para áreas onde faltam tais profissionais. O programa é de três anos, podendo ser prorrogado por mais três.

Uma análise cuidadosa revela que a carência de médicos no Brasil não é nacional, mas setorial. Nosso país possui 388.015 médicos, o equivalente a 2 profissionais para cada mil habitantes. Esse índice é considerado bom. Ele é de 2,6 nos Estados Unidos, 2 no Japão e 1,9 na Coreia do Sul, todos países desenvolvidos.

O problema surge quando se observa a distribuição de médicos pelas regiões do Brasil. Enquanto no Distrito Federal, São Paulo e Rio de Janeiro esse índice é de 4,09, 3,62 e 2,64, respectivamente, estados como o Maranhão, Pará e Amapá sequer têm 1 médico para cada cem mil habitantes. E mesmo em pequenos municípios de estados bem servidos faltam profissionais.

Foi oferecido aos profissionais um salário atraente, R$ 10.000,00 mensais, mais uma ajuda de custo para moradia e alimentação bancada pelos municípios beneficiados. Os brasileiros tiveram preferência no preenchimento das vagas ofertadas. As restantes foram ocupadas por estrangeiros que receberam do Ministério uma autorização provisória para atuar.

Eles começaram a chegar em grande número, vindos especialmente de Portugal, Argentina, Espanha e Cuba. Esta última, que possui um número expressivo de médicos, participa do programa com um grande plantel.

Três tipos de notícia podem ser recolhidos da cobertura da questão feita pela imprensa. A primeira mostra a satisfação dos pacientes que, de uma hora para outra, passaram a contar com um profissional para cuidar de sua saúde. A segunda aborda a questão da pequena remuneração recebida pelos médicos cubanos, pois o governo daquele país fica com um grosso do que é pago a seus cidadãos. E a terceira focaliza as escaramuças entre o Ministério da Saúde e a Associação Médica Brasileira em razão da autorização provisória dada aos médicos para trabalhar, sem passar pelo teste de revalidação de seus diplomas. Da reação positiva dos atendidos, pouco se fala. As duas outras questões, por serem polêmicas, frequentam os maiores espaços dos meios de comunicação.

A nosso ver, o programa merece aplausos, mas "cum grano salis", ou seja, com uma pitada de sal. É preciso ter consciência de que o "Mais Médicos" não foi elaborado para resolver o grave problema de infraestrutura da saúde no Brasil. Isso é outra conversa. Faltam unidades médicas adequadamente equipadas com capacidade para atender às necessidades da população.

A reforma da saúde precisa ser planejada para que sua implantação possa ter início o mais brevemente possível. Nesse projeto devem entrar com recursos financeiros e humanos todas as três entidades públicas envolvidas no problema, ou seja, União, Estados e Municípios. Dentro desta ótica, cada unidade de saúde - que para ter qualidade tem um custo elevado de implantação e de manutenção - deve ser localizada levando em consideração as pessoas que residem no seu entorno, independentemente de pertenceram a tal ou qual município.

Essa reforma tão desejada não se faz do dia para a noite. Demanda tempo. E aqui reside a importância do Programa Mais Médicos. O povo não pode continuar agonizando enquanto se prepara a reforma. E' melhor ter acesso a um médico já. Muita dor pode ser aliviada, muita doença prevenida. Temos ainda cinco anos de programa pela frente. Tempo mais do que suficiente para se desenhar e começar a implantar uma vigorosa reforma do sistema público de saúde. Esta é a questão política de maior relevância e alcance popular e não as questões periféricas. A questão dos médicos cubanos é uma discussão política que

envolve outros fatores, bem como a questão do elitismo burocrático da Associação Médica Brasileira.

Estão vindo aí as eleições de outubro. Dentro em pouco os partidos e candidatos começarão a expor suas plataformas através dos órgãos de imprensa. É hora de ficar de ouvido em pé e dedo em riste. Será ótimo se a gente conseguir escolher aqueles que estão dispostos a empreender uma profunda reforma em nossas estruturas que, de fato, atendam os anseios populares. Esta pauta requer muita mobilização e pressão do povo e de lideranças com sensibilidade e compaixão social.

Pe. Virgílio Uchôa é pároco de Nossa Senhora Mãe dos Migrantes, Brasília, DF

virgilio.uchoa@gmail.com

Transcrito do Boletim Rede

Ao texto acima pareceu-nos oportuno relembrar o juramento que esses profissionais prestam quando se formam:

"Prometo que, ao exercer a arte de curar, mostrar-me-ei sempre fiel aos preceitos da honestidade, da caridade e da ciência. Penetrando no interior dos lares, meus olhos serão cegos, minha língua calará os segredos que me forem revelados, o que terei como preceito de honra. Nunca me servirei da minha profissão para corromper os costumes ou favorecer o crime. Se eu cumprir este juramento com fidelidade, goze eu para sempre a minha vida e a minha arte com boa reputação entre os homens; se o infringir ou dele afastar-me, suceda-me o contrário."

Frases de Stanislaw Ponte Preta - Sérgio Porto

As coisas que mais contribuem para avacalhar a dignidade de um homem são, pela ordem, bofetão de mulher e tombo de bunda no chão.

Caetano Veloso confunde velocidade com trepidação.

Hoje em dia ninguém é bonzinho de graça.

O primeiro nome de Freud era Segismundo. Aliás, não só seu primeiro nome como também seu primeiro complexo.

Mais inútil do que um vice-presidente.

Mais mole que bochecha de velha.

QUEM TEM MEDO DA PARTICIPAÇÃO POPULAR?

Emir Sader*

A proposta do governo da formação de Comitês de Participação Popular foi seguida por editoriais furibundos da mídia, como se se estivesse atentando contra os fundamentos essenciais da democracia brasileira. Os mesmos editoriais e colunistas que passam todos os dias desqualificando os políticos e a política, o Congresso e os governos, reagem dessa forma quando se busca novas formas de participação da cidadania.

O que está em jogo para eles é o formalismo da democracia liberal aquela que reserva para o povo apenas o direito de escolher, a cada dois ou quatro, quem vai governá-los. E uma forma de representação constituída como cheques em branco pelo voto, sem que os votantes tenham nenhum poder de controle sobre os eleitos, no máximo puni-los nas eleições seguintes. **Um fosso enorme se constitui entre governantes e governados, que desgasta aceleradamente os órgãos de representação política. Cada vez menos a sociedade se vê representada nos parlamentos que ela mesma escolheu com seu voto.**

Acontece que as formas atuais de representação política colocam, entre os indivíduos, a sociedade realmente existente, e seus representantes, o poder do dinheiro, mediante os financiamentos privados de campanha. Grande parte dos políticos são eleitos já com a missão de representar os interesses dos que financiaram suas campanhas.

Criou-se assim um círculo vicioso: processos viciados de eleição de políticos já nascem desmoralizados.

A direita adora porque é fácil desgastá-los. E política, governos, Estados fracos, significa mercados fortes, onde reina diretamente o poder do dinheiro.

Os Conselhos de Participação Popular são formas de resgatar e fortalecer a democracia e não de enfraquecê-la. Toda forma de consulta popular fortalece a democracia, dá mais consistência às decisões dos governos, permite ao povo se pronunciar não somente através do processo eleitoral, mas mediante seus pronunciamentos sobre medidas concretas dos governos.

Quem tem medo da participação popular é quem consegue neutralizar o poder da democracia mediante sua perversão pelo poder do dinheiro, do monopólio privado e manipulador da mídia. Tem medo os que se apropriam dos partidos como máquinas eleitorais e de chantagem política para obtenção de cargos, de favores e de benefícios.

O povo não tem nada a temer. Tem que se preocupar que esses Conselhos sejam eleitos da forma mais democrática e pluralista possível. Que consigam a participação daqueles que não encontram formas de se pronunciar pelos métodos tradicionais e desgastados da velha política. Especialmente daquela massa emergente, dos milhões beneficiados pelas políticas sociais do governo, mas que não encontram formas de defendê-las, de lutar por seus interesses, de resistir aos que tentam retomo a um passado de miséria e de frustração.

Só tem medo da participação popular quem tem medo do povo, da democracia, das transformações econômicas, sociais e políticas que o Brasil iniciou e que requerem grandes mobilizações organizadas do povo para poder enfrentar os interesses dos que se veem despojados do seu poder de mandar no Brasil e bloquear a construção da democracia política que necessitamos.

Emir Sader é sociólogo e cientista, mestre em filosofia política e doutor em ciência política pela Universidade de São Paulo/USP. Dirige o Laboratório de Políticas Públicas/LPP da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/ UERJ onde é professor de sociologia.

Transcrito do Boletim Rede

"Fobia é um medo com PhD."

Millor Fernandes

Religiosidade e homossexualidade: como conciliar?

Edith Modesto*

A autora partilha a experiência de trabalho e pesquisa com adolescentes e jovens homossexuais e seus pais. Testemunha que os preconceitos, a autorrejeição e a rejeição religiosa podem se tornar causas de grande sofrimento para os jovens homossexuais e seus pais, assim como qualquer movimento de acolhimento e orientação equilibrada por parte das religiões pode ser muito benéfico em sua integração.

Considerando a repercussão da Jornada Mundial da Juventude 2013, nada mais oportuno do que conversarmos sobre a juventude de hoje quanto às suas identidades afetivas e sexuais relacionadas à religiosidade.

1. OS JOVENS E SUAS ORIENTAÇÕES SEXUAIS

Em nossa ONG (organização não governamental), GPH - Grupo de Pais de Homossexuais iniciamos um projeto dedicado aos jovens homossexuais, também religiosos, muitos dos quais católicos, baseado no protagonismo juvenil monitorado. A finalidade principal do projeto é reaproximar os filhos de seus pais e ajudá-los a se tornar bons cidadãos brasileiros.

O conceito de homossexualidade que adotamos insere-se no contexto da diversidade sexual humana, realidade que temos observado durante mais de sete anos em nosso projeto para jovens. Os jovens confusos, com depressão ou autoestima muito baixa, falam em suicídio, pois neles também foi internalizada a noção de que deveriam sentir-se atraídos pelo gênero contrário ao deles, e isso não acontece.

Como exemplo, trechos de e-*mails* que recebo deles:

"Eu percebi a minha homossexualidade, mas não me aceitava de jeito nenhum e procurava agir como os outros homens" (Roberto, 15 anos).

"Eu percebi desde menina e fiquei com muito medo. Como dizer pra minha mãe que eu sou assim? Já pedi tanto a Deus pra mudar... Pedi até pra morrer"[1] (Maria, 16 anos).

2. A HOMOSSEXUALIDADE SERIA UMA OPÇÃO?

Embora se façam, no mundo inteiro, tantas pesquisas a seu respeito, a sexualidade humana continua sendo um mistério. Até hoje, os pesquisadores não têm dados seguros que comprovem o motivo pelo qual a maioria das pessoas é heterossexual (sente-se atraída por pessoas do gênero contrário ao dela), mas há pessoas que são homossexuais (sentem-se atraídas afetiva e sexualmente por pessoas do mesmo gênero). Já foi confirmado, contudo, por instituições internacionais e nacionais, que a homossexualidade não é uma doença.

Em 1973, a Associação Americana de Psiquiatria (APA) retirou a homossexualidade de seu Manual de Diagnóstico e Estatística de Distúrbios Mentais (DSM). No Brasil, em 1985, o Conselho Federal de Medicina passou a não considerar a homossexualidade uma doença mental ou física. Em 1999, foi publicada uma resolução do Conselho Federal de Psicologia que normatizou a conduta dos psicólogos quanto à questão: "Os psicólogos não colaborarão com eventos ou serviços que proponham tratamento e cura para as homossexualidades".

As pessoas imaginam que a homossexualidade é uma questão de escolha. Para saber mais sobre essa questão importante para o nosso trabalho, dediquei-me à pesquisa sobre o assunto durante mais de vinte anos. Logo, concluí que seria impossível ser uma questão de opção. Quem iria querer viver como minoria em um país ainda tão preconceituoso como o nosso? E os jovens filhos de famílias religiosas, por que optariam por algo condenado por sua fé?

Essa hipótese foi confirmada enfaticamente por centenas e centenas de jovens, de todas as idades, com quem conversei durante estes anos:

"Mestra, eu passei quinze anos da minha vida ajoelhado na igreja, ouvindo os sermões, participando da programação que só me fez atingir um grau elevado de hipocrisia e tristeza. Muita depressão... Só não tive coragem de morrer... Um sentimento de fracasso e derrota me frustra diariamente, por não poder me abrir com meus colegas, meus familiares... Eu me

sinto só, apesar de ter ouvido que Jesus é o melhor de todos os meus amigos e que poderia me ajudar... Não vivo, me acho diferente dos outros e sou, mas se fosse apenas isso... É que me sinto incapaz de ser feliz. Não saí da igreja, mas mesmo quando estava protegido pelas paredes do templo, sentia um vazio e uma vergonha indescritíveis, porque pensava nunca poder ser amado por Deus, apesar de ter ouvido que ele era um Deus de amor, o próprio Amor! [...]" (José, 28 anos).

Ao mesmo tempo, os pais ficam surpresos e desolados quando descobrem que têm uma filha ou um filho homossexual. E forma-se um infeliz paradoxo: nossos filhos têm o direito e necessitam muito do nosso amor, do nosso apoio, principalmente quando são diferentes da maioria, para enfrentar tão dura prova; por outro lado, os pais cresceram e foram educados para ter filhos heterossexuais, veem seus sonhos desmoronar, sentem-se culpados, envergonhados, ficam tristes, desesperados.

Os jovens passam por dificuldades de autoaceitação, sentem-se rejeitados pelos pais, o que lhes traz problemas psicoemocionais muito sérios:

"Edith, como minha mãe, a pessoa que eu mais amo no mundo, me abandonou, logo agora que eu precisava tanto dela? Eu estou sofrendo muito... Tenho medo de tudo, até de sair de casa... Não consigo estudar... Durmo o dia todo..." (Mário, 14 anos).

"Eu quase perdi meu filho. Fiquei afastada dele por mais de nove anos, até que a Edith me disse que conversasse diretamente com Deus, que ele gosta muito das mães. E também me disse que nunca abandonasse minha fé. Hoje, meu filho e eu somos os melhores amigos..." (mãe participante do GPH).

3. A HOMOSSEXUALIDADE E A RELIGIÃO

A nossa ONG é ecumênica; aceitamos pessoas de todas as religiões e temos por conduta aconselhar que nunca abandonem sua fé, apesar das dificuldades. Temos no grupo pais católicos praticantes, até mesmo fundamentalistas.

Para a moral católica e para as demais religiões, a homossexualidade é um tema muito difícil. Mas entendemos que o mais importante ensinamento de Jesus Cristo é amar o próximo. Ele nunca nos disse que, para ser amado, o próximo tinha de ser perfeito. Ao contrário, ele dedicou muita atenção também a prostitutas e lhes perdoou seus pecados. Jesus não escolheu para amar somente aqueles que estavam de acordo com as normas da sociedade daquele tempo, aqueles que estavam vivendo de acordo com as leis consideradas divinas.

Tendo em conta a grande dificuldade de pais e filhos católicos, o GPH promoveu o encontro do padre José Antonio Trasferetti (professor de Teologia Moral na Pontifícia Universidade Católica de Campinas) com os pais do nosso grupo. Ele nos explicou que a Igreja Católica é muito compreensiva para com os homossexuais. Os documentos, como o *Catecismo da Igreja Católica,* em seu artigo 2.358, por exemplo, pede "respeito, compaixão e delicadeza" para com os homossexuais, portanto, combate o preconceito e a violência contra eles, como não poderia deixar de ser. A Igreja diz que o jovem homossexual pode e deve ser aceito e acolhido em casa, ser aceito e acolhido na Igreja. Mas padre Trasferetti nos alertou para o fato de que, o jovem homossexual, para seguir os ensinamentos da Igreja, precisa abdicar dos atos sexuais. É a prática da homossexualidade que é condenada pela Igreja, não o homossexual. Mas nos perguntamos: um jovem conseguirá abdicar de sua sexualidade? E se fosse somente sexualidade... Um jovem pode abdicar de sentir afeto?

Somos testemunhas de que a religião pode se tornar causa de grande sofrimento para os jovens homossexuais, do ponto de vista do desenvolvimento de sua personalidade e caráter e do ponto de vista de seu equilíbrio psico-emocional. Assim, vemos com alegria qualquer movimento de acolhimento, ajuda e integração dos jovens homossexuais e de seus familiares nas comunidades religiosas.

Fazemos também um trabalho de capacitação de professores nas escolas, para lidarem com jovens que sentem a sexualidade como um problema. O objetivo desse trabalho é ajudar o educador a lidar com o preconceito e a exclusão que se dão nas escolas (*bullying*), motivo de grande sofrimento para os jovens e para o aumento da evasão escolar. Foi grande emoção para nós observar que os primeiros colégios particulares a se candidatar eram instituições católicas (Irmãs Calvarianas). Como sempre, as pessoas religiosas saem na frente, dando o exemplo de fraternidade e solidariedade cristã.

**Mestra e doutora em Semiótica francesa pela USP, terapeuta, especialista em diversidade sexual e questões de gênero; é escritora, professora universitária e pesquisadora. Fundou e coordena a ONG GPH (Grupo de Pais Homossexuais). Sua tese de doutorado, Homossexualidade: preconceito e intolerância, recebeu o prêmio Tese Destaque USP em 2011. Publicou, entre outros, o livro Mãe sempre sabe? Mitos e verdades sobre pais e seus filhos homossexuais (Record). Site:www.gph.org.br/home.asp; e-mail:edithmodesto@uol.com.br.*

Transcrito da Vida Pastoral 297

TODO FILHO É PAI DA MORTE DE SEU PAI

" Há uma quebra na história familiar onde as idades se acumulam e se sobrepõem e a ordem natural não tem sentido: é quando o filho se torna pai de seu pai.

É quando o pai envelhece e começa a trotear como se estivesse dentro de uma névoa. Lento, devagar, impreciso.

É quando aquele pai que segurava com força nossa mão já não tem como se levantar sozinho. E quando aquele pai, outrora firme e instransponível, enfraquece de vez e demora o dobro da respiração para sair de seu lugar.

É quando aquele pai, que antigamente mandava e ordenava, hoje só suspira, só geme, só procura onde é a porta e onde é a janela - tudo é corredor, tudo é longe.

É quando aquele pai, antes disposto e trabalhador, fracassa ao tirar sua própria roupa e não lembrará de seus remédios.

E nós, como filhos, não faremos outra coisa senão trocar de papei e aceitar que somos responsáveis por aquela vida. Aquela vida que nos gerou depende de nossa vida para morrer em paz,

Todo filho é pai da morte de seu pai.

Ou, quem sabe, a velhice do pai e da mãe seja curiosamente nossa última gravidez. Nosso último ensinamento. Fase para devolver os cuidados que nos foram confiados ao longo de décadas, de retribuir o amor com a amizade da escolta.

E assim como mudamos a casa para atender nossos bebês, tapando tomadas e colocando cercadinhos, vamos alterar a rotina dos móveis para criar os nossos pais.

Uma das primeiras transformações acontece no banheiro.

Seremos pais cie nossos pais na hora de pôr uma barra no box do chuveiro.

A barra é emblemática. A barra é simbólica. A barra é inaugurar um cotovelo das águas.

Porque o chuveiro sirnples e refrescante, agora é um temporal para os pés idosos de nossos protetores. Não podemos abandoná-los em nenhum momento, Inventaremos nossos braços nas paredes.

A casa de quem cuida dos pais tem braços dos filhos pelas paredes. Nossos braços estarão espalhados, sob a forma de corrimões.

Pois envelhecer é andar de mãos dadas com os objetos, envelhecer é subir escada mesmo sem degraus.

Seremos estranhos em nossa residência. Observaremos cada detalhe com pavor e desconhecimento,com dúvida e preocupação. Seremos arquitetos, decoradores, engenheiros frustrados. Como não previmos que os pais adoecem e precisariam da gente?

Nos arrependeremos dos sofás, das estátuas e do acesso caracol, nos arrependeremos de cada obstáculo e tapete.

E feliz do filho que é pai de seu pai antes da morte, e triste do filho que aparece somente no enterro e não se despede um pouco por dia.

Meu amigo José Klein acompanhou o pai até seus derradeiros minutos.

No hospital, a enfermeira fazia a manobra da cama para a maca, buscando repor os lençóis, quando Zé gritou de sua cadeira:e

— Deixa que eu ajudo.

Reuniu suas forças e pegou pela primeira vez seu pai no colo.

Colocou o rosto de seu pai contra seu peito.

Ajeitou em seus ombros o pai consumido pelo câncer: pequeno, enrugado, frágil, tremendo.

Ficou segurando um bom tempo, um tempo equivalente à sua infância, um tempo equivalente à sua adolescência, um bom tempo, um tempo interminável.

Embalou o pai de um lado para o outro.

Aninhou o pai.

Acalmou o pai.

E apenas dizia, sussurrado:

— Estou aqui, estou aqui, pai!

O que um pai quer apenas ouvir no fim de sua vida é que seu filho está ali. "

Autor desconhecido.

VIVER EM FAMÍLIA

Um dos grandes desafios da humanidade é saber viver em família. Na família, a gente aprende a ser aceito ou não, a ser amado ou não. Assim, o marido precisa aprender a respeitar o lado feminino na mulher, e a mulher precisa aprender a respeitar o lado masculino no homem. O filho precisa aprender a respeitar os avós paternos e matemos, os tios paternos e maternos, os pais e em seguida seus irmãos.

É por isso que viver em família é um desafio muito profundo, porque é na família que se aprende que é preciso aceitar para ser aceito. Conhecemos os resultados e percebemos que a vida em sociedade começa a ser experimentada a partir do que se aprende em família. O ser de uma pessoa é a herança que ele carrega a partir do que aprendeu, do que viveu em sua família. Saber respeitar alguém, aprender a aceitar o diferente é - primeiro e acima de tudo - um desafio que só será administrado, começando na família. Assim, não saber respeitar os avós em casa, significa não saber respeitar os idosos na sociedade. Quando não se vive o respeito em família, não se vive o respeito aos limites e/ou às limitações das pessoas. E a roda começa a girar.

Viver em família é, pois, a sabedoria da primeira experiência pessoal de viver em sociedade.

Sabe-se, hoje, que toda vivência social está passando por situações de ajustes. Quando os pais aprenderem a dar limites a seus filhos, saberão o quanto é prazeroso conviver com seus filhos. Dar limites não significa, no entanto, estabelecer proibições, regras, normas e leis. A criança e o adolescente precisam saber que os limites físicos de uma propriedade são sempre fixados através de uma lei, mas que os limites da convivência, dos relacionamentos não acontecem com leis. Esses limites precisam, apenas, de muito afeto, de muita ternura e de muita segurança.

Se as pessoas ocuparem seus devidos lugares na ordem familiar, perceberão que os problemas da ordem social começarão

a diminuir, e as pessoas aprenderão a conviver.

Por isso, saber *"viver em família"* além de ser um desafio, será o princípio, o fundamento, a base do *"saber viver em sociedade* Esta é a lei de toda a natureza. Uma árvore que não tiver um solo fértil, não tiver o cuidado em seu desenvolvimento com podas, com adubação, com outros cuidados de fertilização e de proteção às pragas, terá comprometidos o seu desenvolvimento e os resultados de produção. Assim também, como se pode pretender que uma pessoa - sem os cuidados de educação paras valores humanos e/ou cristãos - possa se desenvolver, tendo bom relacionamento, bem estar, boa convivência com as pessoas na sociedade?

Amar a vida é ter cuidado com ela e com os relacionamentos. Amemos a vida, amemos nossa família!

Setor Família Diocese de Erexim.
Colaboração enviada por Geni F. Dariva– MFC Erechim(RS)

Cada família do MFC

1 assinatura POR ANO!

Este é um compromisso do MFC com a conscientização e evangelização das famílias

ASSINE OU DÊ DE PRESENTE, CADA ANO,

Envie o nome e endereço de um filho, parente, amigo, compadre, afilhado, colega, vizinho, aluno, freguês... com um cheque nominal cruzado ao MFC ou efetue depósito na conta 27.249-3, agência 3139-9, do Banco do Brasil e remeta os dados pelo e-mail da Revista.
Assinatura anual: R$ 32,00
(Trinta e dois Reais - 4 edições)

UMA ASSINATURA DE

fato e razão

Tel/Fax: (32)3214-2952
- de 13:00 às 17:00 -

DISTRIBUIDORA MFC DE FATO E RAZÃO
Rua Barão de Santa Helena, 68
Juiz de Fora - MG - Cep 36010-520

ESPAÇO

Fato & Razão

O QUE A GRANDE IMPRENSA ESCONDE

ECONOMIA I

A revista Forbes divulgou, em maio, um ranking composto pelas 15 famílias mais ricas do país. De acordo com a publicação, elas detêm um patrimônio equivalente a R$ 270 bilhões. O valor representa quase o dobro do montante de recursos destinados, nos últimos 11 anos, a 50 milhões de pessoas atendidas pelo programa Bolsa Família, do governo federal. Segundo o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome/MDS, o programa contou com investimento de R$ 137,3 bilhões, neste período. A família Marinho, detentora das Organizações Globo, está no topo do ranking divulgado pela revista. A fortuna do núcleo formado pelo trio de bilionários Roberto Irineu Marinho, João Roberto Marinho e José Roberto Marinho, é estimada em US$ 28,3 bilhões, o que equivale a aproximadamente R$ 62,6 bilhões. Os Civita, donos do Grupo Abril, editores da revista Veja, tem a fortuna calculada em US$ 3,3 bilhões (cerca de R$ 7,3 bilhões) ocupam a 11ª posição entre as famílias mais ricas do país. O setor bancário participa do ranking com as famílias Safra (Banco Safra), Moreira Salles (Itaú/Unibanco), Vilela (Holding Itaúsa), Aguiar (Bradesco)e Setúbal (Itaú). Somados, os patrimônios destas famílias equivalem a US$45,3 bilhões ou, R$ 100,3 bilhões.

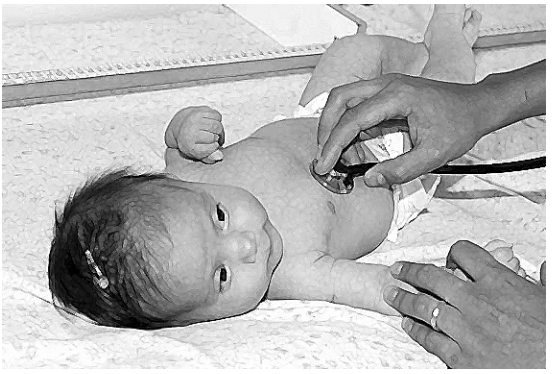
ECONOMIA II

Embora a concentração de renda continue alta no Brasil, o país tem desenvolvido, na última década, programas que contribuem para a redução das desigualdades sociais. Um deles é o Bolsa Família.

Os impactos positivos causados pelo programa são comprovados. Segundo o estudo "A Década Inclusiva", publicado em 2012 pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada/Ipea, o programa é o 3º fator que mais influenciou na redução das desigualdades sociais no país, ficando atrás apenas da renda adquirida pelos brasileiros por meio do trabalho e da Previdência Social.

Desde a sua criação, o Bolsa Família já atingiu um quarto da população brasileira, beneficiando 50 milhões de pessoas.De acordo com o MDS, o auxílio do programa Bolsa Família às populações de baixa renda possibilitou: — a redução de 19,4% do índice de mortalidade de infantil de crianças de até 5 anos; na área da saúde, houve redução de 46,3% de mortes infantis por diarréia e 58,2% por desnutrição; - no último bimestre de 2013, a média de aprovação de estudantes inclusos no programa foi de 96%; - 75,4% dos assistidos pelo programa estão empregados e representam 10% dos 3,8 milhões de Microempre-endedores Individuais/MEI; as mulheres representam 93% das pessoas titulares dos cartões do programa e ocupam66% das matrículas do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego/ Pronatec; ao todo, 87% dos beneficiários destinam o dinheiro recebido para alimentação, 46% em material escolar e 37% em vestuário. Para o presidente do Banco Mundial, Jim Yong Kim, o Bolsa Família é um modelo que deve ser expandido a outros países, no combate à pobreza. Atualmente, países como Bangladesh, Paquistão, Turquia e Equador já adotam estratégias inspiradas na iniciativa brasileira. A ação de transferência condicionada de renda do Brasil também está inspirando a criação de programas nas cidades de Washington e Nova York, nos Estados Unidos.

ECONOMIA III



Com 4 anos de antecedência, o Brasil alcançou a meta dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio que consistia em reduzir em 2/3 a mortalidade infantil: o índice caiu de 53,7 óbitos por mil nascidos vivos em 1990, para 17,7 em 2011; diminuiu à metade a população sem acesso à água e sem acesso a saneamento. O cumprimento da parte da meta relativa ao acesso à água já havia sido registrado, mas a meta de acesso ao saneamento básico foi agora alcançada.

Em 1990, apenas 70% da população tinha acesso à água (de rede geral de distribuição), e menos ainda, 53%, moravam em residências com ligação à rede coletora de esgoto ou com fossa séptica. Em 2012, as percentagens se haviam elevado para, respectivamente, 85,5% e 77%. Os dados estão no 5º Relatório Nacional de Acompanhamento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, relatório de acompanhamento que reúne informações atualizadas sobre a situação dos ODM nas diversas regiões brasileiras. O documento anterior, publicado em 2010, possuía séries de indicadores que cobriam o período 1990-2008, a maior parte das quais, no novo relatório, foi atualizada para incorporar o período 2009-2012. O Brasil também cumpriu outras metas dos ODMs. A de redução da pobreza extrema, já tinha sido atingida. A crise econômica de 2008-2009 prejudicou o combate à pobreza extrema, mas, de 2011 para 2012, o ritmo da queda voltou a um patamar próximo ao verificado no período de expansão inicial do Bolsa Família (2003-2007); a taxa de extrema pobreza foi reduzida a 3,5% da população, já próxima dos 3% atualmente propostos como parâmetro de superação do problema em âmbito global até 2030.

O ritmo da queda no novo ano incorporado nas séries ocorreu a uma velocidade cinco vezes mais rápida que a prevista no ODM. A formalização foi uma das principais mudanças da última década. Entre 1992 e 2005, o nível de formalização oscilou em tomo dos 46% da população ocupada. A

partir de então, começou a se elevar, alcançando quase 58% em 2012". Outro dado do relatório revela que a incidência da pobreza extrema é de apenas 1,3% entre os ocupados e menor que 0,1% entre os ocupados com vínculos formais (carteira de trabalho para empregados, contribuição previdenciária para as demais categorias). Na área de educação, o Brasil tem 2 indicadores do ODM próximos de 100%: a taxa de escolarização no ensino fundamental das crianças de 7 a 14 anos de idade e a taxa de alfabetização dos jovens de 15 a 24 anos. A porcentagem de crianças de 7 a 14 anos frequentando o ensino fundamental passou de 81,2% em 1990 para 97,7% em 2012; a de jovens alfabetizados, de 90,3% para 98,7%. A defasagem entre idade e série, um dos grandes problemas da educação no Brasil, diminuiu. Considerando a idade escolar, os estudantes de 9 a 17 anos cursando a série adequada para a idade passaram de 50,3% para 79,6% do total. Para o representante-residente adjunto do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) no Brasil, Amaud Peral, o relatório é uma referência única para a academia, governos municipais, estaduais e federais, para a sociedade civil e os organismos internacionais. "O documento ajuda no monitoramento das políticas públicas e na resposta para a melhoria dos indicadores", disse. Maiores informações www.ipea 5º Relatório Nacional de Acompanhamento dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio

Transcrito do Boletim Rede

Frases de Stanislaw Ponte Preta - Sérgio Porto

Menino mijado, bode embarcado e chefe de Estado, nunca fica despreocupado.

Ou restaure-se a moralidade ou locupletemo-nos todos!

Esperanto é a língua universal que não se fala em lugar nenhum.

Pra quem gosta de jiló, coruja é colibri.

Era desses caras que cruzam cabra com periscópio pra ver se conseguem um bode expiatório.

O terceiro sexo já está quase em segundo.

A RESPONSABILIDADE DE ISRAEL

*OdedGrajew**

Nasci em TelAviv em 1944, de mãe e pai judeus, cuja família foi praticamente exterminada pelos nazistas. Vivo há anos no Brasil, país que deveria ser valorizado pelo exemplo de convivência harmoniosa, nãosó entre árabes e judeus, mas entrecomunidades de diversas origens religiosas e nacionais.

Nos primeiros anos do Estado de Israel (criado em 1948), os kibutzim - cooperativas onde ninguém acumula bens pessoais e todos compartilham da mesma forma os deveres e os benefícios da comunidade e tudo é decidido coletivamente – foram a base da atividade econômica nos territórios do novo país.

Lembro-me que a vida era difícil, mas havia um enorme espírito de solidariedade entre as pessoas e as famílias. Meus pais dividiam um pequeno apartamento (onde nasci) com casal de amigos e sempre me falaram que foram os anos mais felizes de suas vidas. Foi uma infância muito feliz para mim também.

Hoje Israel tem uma economia capitalista que gerou muita riqueza (o pais tem uma das maiores renda per capita do mundo), mas, ao mesmo tempo muita desigualdade. A competição passou a ser a cultura dominante e os poucos kibutzim que sobraram são compostos basicamente por pessoas que escolheram um modo de vida mais solidário e menos materialista.

Um dos meus maiores sonhos é presenciar a paz entre Israel, os palestinos e os países árabes. Infelizmente o novo conflito, de trágicas consequências humanas, torna esse sonho ainda distante. De novo, cada lado joga a culpa no outro. Todos são responsáveis, mas considero que a responsabilidade de Israel é maior, não por querer questionar as inúmeras

justificativas que usa para defender suas ações, mas pelo fato de ser o mais forte.

Israel é de longe o país mais forte militarmente e economicamente da região e tem como aliado incondicional os Estados Unidos, a maior potência mundial. **O mais forte, em qualquer circunstância, deveria ter maior responsabilidade.**

A contrapartida do poder é a responsabilidade. É assim com os adultos que deveriam ter muita responsabilidade com as crianças (suas e dos outros), os ricos em relação às pessoas mais pobres e carentes, asociedade em relação aos idosos, os países prósperos e fortes em relação aos mais vulneráveis, os políticos com seu povo. É dessa forma que se pratica a solidariedade, a justiça e os mandamentos do judaísmo, cristianismo e islamismo.

O mais forte deveria ser exemplar, servir de referência e ser o mais solidário, ousado e generoso. O mais forte, em nenhuma circunstância, deveria usar a sua força para agredir e destruir o mais fraco, mesmo quando agredido. Não quero entrar na discussão interminável e inútil de quem tem mais razão. A que tem servido a lógica do olho por olho, reagir à violência com mais violência? Apenas para alimentar o ódio, gerar matanças e inviabilizar a paz.

Israel, o país mais poderoso da região, poderia recuperar os ideais e o espírito de solidariedade e generosidade de seus primeiros anos. Assim teria a grandeza de quebrar o inútil ciclo da violência e não usar toda a sua força e seu poder para matar e destruir, mas para se empenhar tenazmente, para perseguir até obter a paz na região.

Oded Grajew, 70, é coordenador-geral da Rede Nossa São Paulo, presidente emérito do Instituto Ethos e idealizador do Fórum Social Mundial. Foi presidente da Fundação Abrinq e assessor especial da Presidência da República (governo Lula)

Transcrito da Folha de São Paulo

"Em política nada se perde e nada se transforma - tudo se corrompe.""

Millor Fernandes

Programa Nacional de Formação à Distância

CONDIN
Conselho Diretor Nacional
SENFOR
Secretariado Nacional de Foermação

TEMA 1: A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA EM MEIO AOS DESAFIOS DA REALIDADE ATUAL

2° MODULO; O papel da família como agente essencial de educação (**Parte** 1)

ORAÇAO INICIAL

Vinde, Espírito Santo, enchei os corações de vossos fiéis e acendei neles o fogo de vosso amor. Enviai o vosso Espírito e tudo será criado, e renovareis a face da Terra.

Oremos: Deus, que instruístes os corações de vossos fiéis com a luz do Espírito Santo, fazei que apreciemos retamente todas as coisas, segundo o mesmo Espírito, e gozemos sempre de sua consolação. Por Cristo, Senhor nosso. Amém.

INTRODUÇÃO

Os tempos mudaram, mudaram alguns costumes, mas a instituição familiar permanece como

parte germinal da civilização, a célula básica das sociedades no mundo inteiro.

O conceito cristão de família monogâmica e nuclear (pai, mãe e filhos), unida por laços sanguíneos, vem da cultura de povos que o antecederam como os gregos e os hebreus. Esse conceito atravessou séculos, dando um sentido pleno nas relações familiares em nossa cultura; no Cristianismo, tomou-se sacramento: o Sacramento do Matrimônio.

Vamos explorar um pouco as ideias associadas ao termo *família,* isto é, o significado do que seja família. Uma primeira definição pode ser aquela de pessoas ligadas por casamento, filiação ou adoção. Também pode ser entendida como um grupo de pessoas que têm laços de sangue entre si. Pode ser ainda um grupo de pessoas que vive sob o mesmo teto. Há autores que consideram a família como um sistema social de um grupo de pessoas no qual cada um tem o seu papel.

Hoje o conceito de família nuclear tradicional está sendo questionado. Precisamos tentar compreender, na perspectiva da caridade cristã, algumas situações diferentes, mas também tomar cuidado para não confundir as coisas: tal atitude de compreensão não significa abrir mão da ideia original. O arranjo familiar tal como o conhecemos e no qual fomos educados não perde o seu valor só porque existem hoje práticas modificadas. Embora devamos ser tolerantes com situações diferenciadas de outras composições familiares, é necessário ser firmes quanto ao que acreditamos e não deixar de buscá-lo.

Dizia o Papa João Paulo II: "O futuro da humanidade passa pela família. Só ela salva". Recentemente, também o Papa Francisco declarou em sua visita ao Brasil: "A família é importante, é necessária para a sobrevivência da humanidade". Tais afirmações, no mínimo, colocam a necessidade de reflexão sobre o assunto. Todos sabemos do valor da família na estruturação da sociedade, mas será que entendemos bem o seu papel como ***agente de salvação***?

As definições do que seja família certamente motivam uma grande e variada discussão em busca da mais apropriada, segundo o ponto de vista de cada um. Entretanto, todas elas têm pelo menos um ponto em comum: a família é a base da organização social.

A importância disso é tamanha que a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil já dedicou duas Campanhas da Fraternidade ao tema. O primeiro foi em 1977, com o tema Fraternidade na família - Comece em sua casa. A proposta daquele tempo foi chamar a atenção das pessoas para começarem a praticar em seu ambiente familiar os comportamentos necessários a uma boa convivência: a generosidade, a paciência, a humildade, o perdão e o diálogo, dentre outros.

Em 1994, houve outra Campanha da Fraternidade sobre a família. Dessa vez o tema era Educação e a família - A família, como vai? Notem que é ressaltado o papel da família como educadora e formadora de novos cidadãos para o convívio social, lugar de encontro, espaço de vivência humana, ponto de partida para um mundo mais humano e de acordo com o Plano de Deus.

Se as famílias passam a conviver melhor, naturalmente as relações sociais também melhoram, já que são as famílias que formam a sociedade. Por outro lado, se o clima dentro de casa não acontece de forma amigável, toda a comunidade sofre. Na verdade, como é que se pode esperar uma sociedade saudável se as famílias não forem saudáveis?

PARA REFLEXÃO E PARTILHA

Tenho consciência da importância da família para a saúde da sociedade? Por que se diz que ***a família é a base da sociedade***? Posso citar algum exemplo de contribuição da educação familiar para a sociedade?

O PAPEL DA FAMÍLIA COMO AGENTE ESSENCIAL DE EDUCAÇÃO

A função educadora da família é intransferível, isto é, não pode ser deixada a cargo da escola e de outros ambientes de convívio social. Esses são elementos importantes na complementação da educação recebida no lar, mas não seus substitutos. Há situações ainda mais preocupantes, como a de considerar os meios de comunicação como elementos fundamentais para a educação sem o devido acompanhamento dos pais ou responsáveis. Em tais casos, a televisão e a internet tomam-se agentes educadores de crianças e adolescentes pelos próprios adultos, que deixam seus filhos muitas horas no convívio desse mundo eletrônico atraente, cativante, mas raramente apropriado para o processo educacional e de formação da personalidade dos mais jovens.

Pensemos um pouco:

- O que esperamos seja aprendido por crianças que assistem a programas com estímulos à violência?

- Como formar pessoas que pratiquem a solidariedade e o perdão se as deixamos expostas a tantos exemplos de comportamento individualista e interesseiro?

- Como desenvolver o senso da importância de valores humanos e cristãos se programas de tevê (novelas, filmes, etc.) insistem na a ideia do "vale tudo desde que eu me sinta bem"?

- Aonde irá nossa civilização se desde cedo meninos e meninas aprendem que não há limites para ter o que se quer e que isso deve ser conseguido a qualquer custo?

E essencial que nós, adultos, possamos entender a educação como forma de intervenção do mundo, como contraponto à visão de outros interesses, para os quais crianças e jovens são apenas potenciais consumidores, centrados em si e fáceis de conduzir.

Existem pais que, diante das facilidades tecnológicas, pensam não estar qualificados para a tarefa de educar. Essa é uma armadilha dos tempos atuais, um exemplo de inversão de valores: os recursos são considerados mais importantes do que as pessoas. É importante combater essa forma de pensar. A missão educadora da família deverá sempre estar centrada na vivência e na relação dos dois sujeitos envolvidos: os educadores e os educandos, isto é, adultos que reconhecem e assumem sua função insubstituível e crianças e adolescentes que captem de seus pais e responsáveis a referência primeira e segura para formação de seus valores e desenvolvimento equilibrado de seu comportamento.

Entretanto, não se pode negar a sensação de impotência por parte de muitos adultos, em especial os mais jovens, com relação aos desafios que enfrentam para educar seus filhos em meio a tantas mudanças. A história nos ensina que tudo está mudando sempre, inclusive nossas relações familiares. Todavia, em vez de ficarmos com medo disso, é necessário entender que essas mudanças fazem parte da nossa vida e que precisamos, sim, estar preparados para lidar com essa realidade. O que teria sido de nós se nossos pais não tivessem assumido o papel de nos educar? Muitos de nós tive-

mos pais com nível de instrução escolar limitado e assim mesmo aprendemos muito com eles. Entre erros e acertos, a contribuição deles na formação de nossos valores humanos e cristãos foi fundamental e agiu como alicerce para que pudéssemos nos desenvolver como mulheres e homens cidadãos e nos tomar o que somos.

Diante disso, todos nós, independentemente da experiência em educar, somos convidados a manter uma atitude de aprendizado constante, estudando e partilhando experiências, atentos à responsabilidade de sermos exemplos para os mais jovens, mas, principalmente, tendo consciência de que o que mais importa a eles é a presença do amor entre pai e mãe, entre pais e filhos, enfim, um ambiente familiar onde o amor prevaleça. Novamente nas palavras do Papa Francisco: "A verdadeira alegria que se vive na família não é algo de superficial, não provém das coisas, das circunstâncias mais ou menos favoráveis (...) provém da harmonia profunda que reina entre pessoas, aquela alegria que todos sentem no fundo do seu coração e que os faz viver a beleza de estarem juntos, ajudarem-se

PARA REFLEXÃO E PARTILHA

- Se a instituição familiar é tão importante para a estabilidade social, o que devemos esperar das políticas públicas no cuidado com a família? O que sei sobre isso?

- Como participante do Movimento Familiar Cristão, como posso ajudar a mim e aos outros no fortalecimento da família em seu papel educador?

REFERÊNCIAS BÍBLICAS: **Mc 10, 6-9; Mt 5, 13-16; Gn 2, 24** O

ORAÇÃO FINAL (sugestão)

Senhor, nós te agradecemos por todos os que estamos buscando refletir e aprender, na esperança de errar menos e amar mais. Sabemos que algumas sementes podem cair em terra seca e não germinar, mas também sabemos que contamos com tua luz no caminho da busca da fortaleza e da sabedoria. Fica conosco, Senhor e abençoa nosso esforço. Amém.

Pai-Nosso - Ave-Maria

Fontes de consulta' - O assunto é casamento (MFC) - Pais: amigos ou censores? - Jornal Atuação (MFC) edição 158 - Pedagogia da autonomia - O mal-estar da civilização - Palavras do Papa Francisco no Brasil - http://www. news. va/pt/news/na-missa-conclusiva-da-peregrinacao-das-familias-p.

Contribuição da Coordenação do MFC-MG

Terapia do elogio!

Renomados terapeutas que trabalham com famílias divulgaram uma recente pesquisa onde nota-se que os membros das famílias brasileiras estão cada vez mais frios, não existe mais carinho, não valorizam mais as qualidades, só se ouvem críticas.

As pessoas estão cada vez mais intolerantes e se desgastam valorizando os defeitos dos outros. Por isso, os relacionamentos de hoje não duram.

A ausência de elogio está cada vez mais presente nas famílias de média e alta renda. Não vemos mais homens elogiando suas mulheres ou vice-versa, não vemos chefes elogiando o trabalho de seus subordinados, não vemos mais pais e filhos se elogiando, amigos etc.

Só vemos pessoas fúteis valorizando artistas, cantores, pessoas que usam a imagem para para ganhar dinheiro e que, por consequencia, são pessoas que têm a obrigação de cuidar do corpo e do rosto. Essa ausência de elogio tem afetado muito as famílias.

A falta de diálogo em seus lares, o excesso de orgulho impede que as pessoas digam o que sentem e levam essa carência para dentro dos consultórios. Destróem seus casamentos, e acabam procurando em outras pessoas o que não conseguem dentro de casa.

Comecemos a valorizar nossas famílias, amigos, alunos, subordinados. Vamos elogiar o bom profissional, a boa atitude, a ética, a beleza de nossos parceiros ou nossas parceiras, o comportamento de nossos filhos.

Vamos observar o que as pessoas gostam. O bom profissional, o bom filho, o bom pai ou a boa mãe, o bom amigo, a boa dona de casa, a mulher e o homem que se cuidam... enfim vivemos numa sociedade em que um precisa do outro, é impossível se viver sozinho, e os elogios são a motivação na vida de qualquer pessoa.

Quantas pessoas você poderá fazer feliz hoje elogiando de alguma forma? Então elogie alguém hoje! Eu começo!!! Você é muito especial e com certeza o mundo é mais bonito... por causa de você!

Arthur Nogueira - Psicólogo